

16.

Faint handwritten text, possibly a signature or date.



16



O GRALHO DEPENNADO

Obras philologicas de J. Leite de Vasconcellos

- O dialecto mirandês** (obra premiada num concurso da *Sociedade das linguas romanicas* de França), Porto 1882.
- Flores mirandesas** (texto, notas phoneticas e glossario), Porto 1884.
- Linguas raianas de Tras-os-Montes**, Porto 1886.
- Dialectologia portuguesa** (Contribuições para o seu estudo) — 17 opuseulos. Porto, Lisboa, etc. 1883-1893.
- A philologia portuguesa** (esboço historico), Lisboa 1888.
- O texto dos Lusíadas** (crítica philologica), Porto 1890.
- Contribuições para o estudo da linguagem infantil**, Barcellos 1883-1886.
- A evolução da linguagem** (dissertação inaugural approvada *com louvor* pela Eschola Medica do Porto), Porto 1886.
- Instituto de Surdos-mudos de Lisboa**, Lisboa 1889.
- Educação infantil** (notícia bibliographica), Lisboa 1889.
- Dialecto hispano-estremenho** (2.^a ed.), Barcellos 1884.
- De « Margariti » villa in territorio Vimaraniensi commentariolum**, Olisipone 1893.
- As « Lições de linguagem » do Sr. Candido de Figueiredo** (2.^a ed.). Porto 1893.
- Curso de lingua portuguesa archaica** (lição inaugural), Porto 1893.
- Quid apud Lusitanos verbum « aedeoli » significaverit**, Olisipone 1893.
- Traducções mirandesas de Camões** (no prelo).

Revista Lusitana (philologia e ethnologia), collaborada por muitos especialistas portugueses e alguns estrangeiros. 2 vol., e em publicação o 3.^o vol. Porto 1887-1894.

O GRALHO DEPENNADO

RÉPLICA ÀS «CATURRICES» PHILOLOGICAS

DO

SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de bibliothecario-archivista

TERCEIRA EDIÇÃO

(Com prefacio) uma noticia critica á cêrca das *Novas lições práticas da lingua portugueza, etc.*)



PORTO

Magalhães & Moniz, Editores

12, Largo dos Loyos, 12

1894

LIBRARIA LEALDARE



RUA S. JORGE

RUA S. BENTO N. 81

S. PAULO

BIBLIOTECA MUNICIPAL

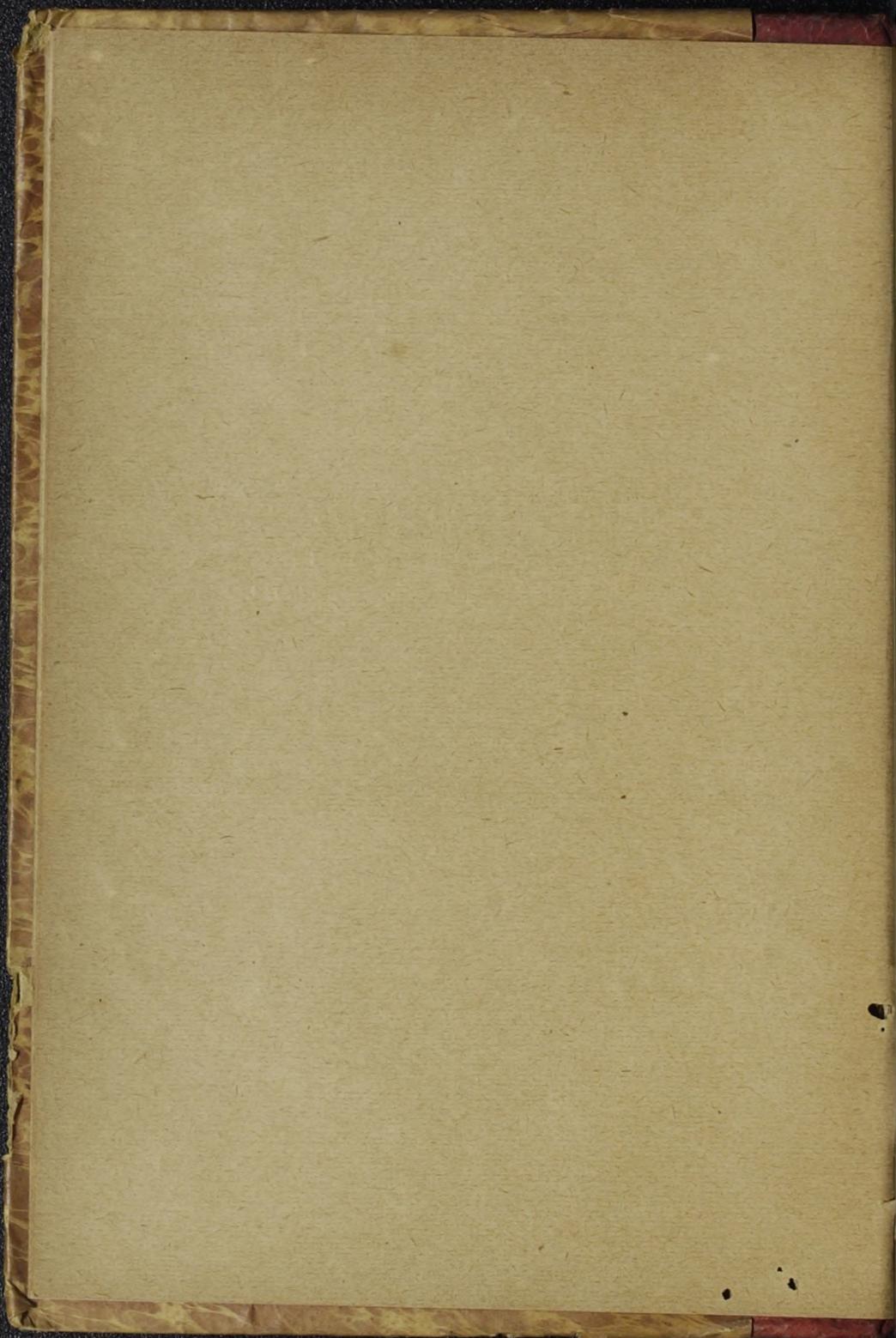
ORÍGENES LESSA

Tombo N. 25059

Porto — Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Cancellia Velha, 70

Si... quod natura dederat, voluisses pati,
Nec illam expertus esses contumeliam,
Nec hanc repulsam tua sentiret calamitas!

PHAEDR., — *Fabul.*, 1, 4.



PROLOGO

José Ferreira Leite

Estando esgotada a 2.^a edição d-*O galho depennado*, feita em 1891, faço agora 3.^a, que apenas differe d'aquella em conter mais notas, em estarem separados certos periodos, que por conveniencia typographica havião ficado juntos, e em se haver introduzido uma ou outra correcção inevitavel em trabalhos d'esta natureza. As notas novas vão porém entre colchetes, para que se saiba o que pertence de essencial á 2.^a edição e á 3.^a

Quer por occasião de criticar as *Lições de linguagem portuguesa* do sr. Candido de Figueiredo, quer por occasião de replicar á resposta que seu

auctor me deu, não tive por fim apresentar uma exposição completa de todos os erros que encontrei no mencionado trabalho; quis apenas citar os sufficientes para mostrar que ao sr. Figueiredo faltava em absoluto o methodo e os conhecimentos philologicos. Das *Lições de linguagem* publicou elle 2.^a edição com o titulo de *Lições praticas da lingua portugueza*, Lisboa 1891, onde, se não accumula tantos erros como na 1.^a, pois alguma cousa aproveitou com a minha crítica, como se patenteará adiante, continúa porém a ostentar altivamente muitos, e a revelar-se inteiramente hospede em Philologia.

Se eu tivesse querido alongar a minha análise e a minha réplica, teria feito reparos, juntado notas ou opposto objecções a muitos mais pontos do que áquelles a que me referi.

Muitas pessoas admirarão-se de que o sr. Candido de Figueiredo se não curvasse á evidencia dos argumentos que na análise do seu livro produzi contra elle, e me respondesse pelo modo insolito como respondeu. Ninguem se admire! A vaidade do meu criticado é muito grande, e elle não cederia facilmente d'ella.

Aos leitores a quem aprouver avaliar a maneira pela qual o sr. Figueiredo se houve nesta questão offereço as linhas seguintes, em que vou esboçar o perfil vaidoso d'elle.

A prova mais flagrante da vaidade do Caturra está no livro que publicou em 1881 com o titulo de *Homens e lettras, galeria de poetas contemporaneos*. Este livro, de VIII-410 pag., collecção de poesias acompanhadas de noticias litterarias e biographicas, é um perpétuo panegyrico de trinta e sete poetas, no qual o auctor não mostra sequer um lampejo de boa crítica, mas sempre uma thuribulação enfadonha.

Realmente não se comprehende que, ao ter de descrever a feição litteraria de tantos escriptores, entre os quaes, se alguns são eminentes, outros são insignificantes, outros medios, o sr. Figueiredo não tecesse senão louvores, e nunca achasse motivos para reparos. A crítica que só louva, como a que só castiga, a que só censura, como a que não ensina, não é crítica, é louvaminha ou diatribe. E de diatribes e louvaminhas estamos nós cheios.

O que porém agora suscita as minhas refle-

xões não é o espirito superficial do livro, é o ter-se o auctor, o proprio sr. Candido de Figueiredo, incluido tambem nelle!

E que ares que assume! Umas vezes diz que jantou com um ministro, outras que almoçou com uma summidade litteraria... A noticia sobre Bullhão Pato começa assim: «Anda cá, meu velho. Tu és um excellente rapaz. Dá cá um charuto e conversemos. Mas por Jupiter! etc.»¹. Sim, por Juppiter, exclamo eu! pois não sei se os pequenos, á fôrça de quererem, pelo contacto com os grandes homens, tornar-se maiores, não tornarão ás vezes pelo contrário estes tambem pequenos...

A respeito de si mesmo escreve no citado livro o sr. Candido de Figueiredo: «não deixará os seus creditos por mãos alheias; se não, vejam como elle veio aprumar-se atrás da procissão illustre, que tem desfilado aos olhos do leitor...»². A confissão não pôde ser mais ingenua.

¹ Pag. 265.

² Pag. 297.

Depois accrescenta com requintada immodestia: «Assim o querem, assim o tenham. Os pontifices das lettras tanto insistiram em o crismar de poeta, que tomou o crisma a serio, com grave escandalo do foro...»¹. O auctor quer deixar entrever que é bacharel em leis, e allude a umas expressões de comprimento que lhe forão dirigidas por Castilho, Mendes Leal, etc. Mas hoje o público já pouco se regula pelas bulas dos pontifices; o que sobretudo procura são provas directas do merecimento.

Todo o livro está escripto neste teor pretencioso e ridiculo.

Se folhearmos outras obras do auctor, acharemos a mesma preocupação de fallar de si, de se tornar saliente, querendo mostrar que os outros lhe ligão consideração.

Por exemplo, no *Cenaculo* (jornal litterario), numa poesia em que o auctor descreve um passeio que deu no Buçaco, em companhia de Philippe

¹ Pag. 297.

Simões e do sr. Augusto Mendes Simões de Castro, diz:

Eramos tres: Philippe, Augusto e eu,
Todos pagãos, idolatras do bello. . . ¹

e depois de ter fallado dos dois primeiros, continúa:

Ea. . . sou quem sou ; e dizem as historias
Que martirizo o *Codigo Penal*. . . ²

O que as histórias dizem é que elle martyri-za o bom senso.

Admitte-se que um auctor falle ás vezes de si, mas que torne isso preocupação constante, como o sr. Candido de Figueiredo faz, evidenciando-se em toda a parte, é o que repugna, tanto mais que a personalidade litteraria do nosso auctor orça pela dos pigmeus.

O proprio titulo *Lições aos mestres*, com que

¹ Lisboa 1875, pag. 112.

² Pag. 113.

elle começou a publicar os seus artigos n-*O Portuguez*, modificado depois em *Lições de linguagem portugueza*, quando sahirão em livro, e seguidamente em *Lições práticas* ¹, é já bastante proprio para indicar o character que estou definindo no auctor. Comprehende-se que um professor publique as suas *lições*, porque, boas ou más, tem esse nome no nosso vocabulario; mas tal não é o caso do sr. Candido de Figueiredo.

Nas *Lições práticas*, que forão publicadas com o pseudonymo de *Caturra*, transcreve o auctor o fragmento de uma carta que um fuão lhe dirigiu, e onde se lê: «só nos poderia valer o concurso de meia duzia de philologos de pulso, como o sr. Caturra» ². O sr. Figueiredo, a esta ingenuidade de um correspondente ainda mais bajoujo do que elle, não tem pejo de acrescentar: «muito obrigado!» ³.

¹ Esta obra do sr. Candido de Figueiredo parece-se com certos rios que mudão de nome, á proporção que no seu curso vão en-grossando com o enxurro. . .

² *Lições práticas*, 2.^a ed., pag. 43.

³ *Ib. ib.*

Se todavia vem um correspondente que se não dobra em genuflexões, e pelo contrário discrepa da opinião do sr. Figueiredo, este responde-lhe com assomos de basofia irritada:

«Dei-lhe a palavra, e vou esvurmar-lhe a palermice, porque bem pôde ser que a sua ignorancia seja commum a várias gentes que se dizem sábias.» ¹

Desde o momento que um individuo deixa de adular o sr. Candido de Figueiredo, incorre-lhe logo nas iras!

Creio ter tornado bem patente o perfil vaidoso do sr. Candido de Figueiredo. Elle mesmo se encarrega de o accentuar, pois diz de si: «*Solus, pauper et nudus*, possui todavia um orgulhozito socratico, o sufficiente para não se abandear com os fetiches, etc.» ².

Não é preciso mais. O que o auctor escusava era de, para fingir que sabia latim, ter

¹ *Lições práticas*, 2.^a ed., pag. 44.

² *Homens e letras*, pag. 298.

sido menos correcto na phrase que acima enunciou... ¹

Demorei-me algum tanto com este ponto para que se comprehenda bem qual o terreno em que assentou a minha crítica. Se o sr. Candido de Figueiredo não fosse a vaidade em pessoa, nunca esta polemica teria tomado da sua parte as proporções que tomou.

A vaidade constitue sempre, effectivamente, mau predicado; mas quando o vaidoso tem as proporções de um Candido de Figueiredo, que em

¹ Com effeito em latim classico seria: *solus, pauper, nudus*, sem *et*, ou então com a conjuncção repetida, ou com *que* no ultimo membro.

O sr. Figueiredo gosta muito de fazer citações em latim e em linguas estrangeiras. É para mostrar que sabe! Mas as suas citações reduzem-se a isto: *Licht! Licht!* Ou: *Time is money*. Ou: *struggle for life*. Ou: *anch' io son pittore*. Ou: *bonus dormitat Homerus*. Ou: *ridendo corrigo mores*. Ou: *tutti quanti*. Ou: *sans rancune*. Ou: *nihil sub sole novum*. Ou: *n'insultez jamais une femme*. Ou: *suum cuique*. Ou: *par droit de naissance*. Ou: *sic vos non robis*. Ou: *nos quoque*. Ou: applicando *el cuento*. — Uma Babel! mas Babel de phrases que toda a gente conhece e cita, phrases corriqueiras, que já não tem sal. Pobre litterato, cuja sciencia polyglottica se condensa assim pouco mais ou menos no fundo de uma página!

litteratura geral só escreve banalidades, e em philologia, onde em especial mais quis pompear, só repete o que os outros disserão, ou só profere desconcertos, então esse predicado torna-se muito censuravel, e verdadeiramente burlesco.

Todavia, por curiosa contradicção, que muitos leitores poderão attribuir ao desejo de o sr. Candido de Figueiredo querer produzir effeitos meramente litterarios, mas que eu supponho filha de subita inspiração de verdade, acordada nas profundezas da consciencia, diz de si mesmo no citado livro *Homens e letras*:

« Afinal de contas, os homens de bom senso e juizo claro concordam talvez em que elle, nas letras, na burocracia, na politica, em tudo, não é nada. Absolutamente nada. Ninguem. » ¹

Nunca ouvi da boca do sr. Candido de Figueiredo asserções mais exactas! Eu lhes dou pleno assentimento.

¹ Pag. 299.

RÉPLICA A UM PSEUDO-CRÍTICO

Mucho vale y poco cuesta
A mal hablar buena respuesta...

(Adagio hespanhol).

Não estranhei que o sr. Candido de Figueiredo se azedasse com a minha critica, porque quem, como elle, não trabalha por amor da sciencia, não póde gostar de que o censurem e lhe descubram os erros grosseiros que eu lhe descobri; mas do que me admirei em extremo foi de o sr. Figueiredo ter a petulancia de responder com má fé litteraria, chocarrices, citações inexactas e falsidades scientificas á argumentação serena e aos factos positivos, ou pelo menos logicamente deduzidos, com que o combati e com que mostrei o nenhum valor do seu livro.

Eu, em rigor, nada tinha que replicar, porque os leitores que lêrão com attenção a minha critica, convencerão-se certamente de que a razão está da minha parte, pois, ao passo

que o meu contrário *declama*, eu *demonstro*; e os leitores que apenas a passarão pelos olhos poderião, num confronto de cada uma das respostas do sr. Figueiredo com os competentes §§. da minha análise, chegar ao mesmo resultado: todavia, como, se eu me calasse, o snr. Figueiredo era muito capaz de tirar do meu silencio motivos para proclamar aos quatro ventos do espaço que eu fôra vencido, aqui me tem outra vez a castigá-lo e a corrigi-lo, com a mesma fleuma com que o fiz na primeira análise.

Para clareza da discussão e commodidade dos leitores, tomarei tambem cada paragrapho em separado, e serei o mais conciso possivel, porque não pretendo armar ao effeito com trocadilhos, jogos de phrases e truánias, -- quero só expor seriamente os factos.

Se eu acompanhasse o sr. Figueiredo na sua linguagem chula e nos seus subterfugios, daria eu em verdade fraca prova de delicadeza e de critica. Elle é que, não podendo sustentar-se no terreno serio da sciencia para onde o chamei, e onde me tenho sempre mantido com toda a cortesia, embora com a vara da justiça na mão, derivou para o insulto, ao mesmo tempo que continuou de modo insolito a accumular desgraçadissimas provas da sua incompetencia, leviandade e falta de critica. Aos insultos não respondo, porque não estou costumado aos processos do sr. Figueiredo, e porque offenderia os meus leitores, se me servisse das expressões de tal auctor. Agora, quanto ao mais, passo desde já a desfiar a meada que elle com tão pouca pericia urdin.

No seu primeiro artigo ¹ veiu o sr. Figueiredo com pés de lâ, elogiando-me e dizendo que se *envaidecia* com as minhas palavras, — a ver se eu deixava o meu tom, e convertia a minha análise em mero comprimento; como porém me não commovi, e continuei como havia começado, porque entendo que a verdade é sempre superior a todas as conveniencias, elle descambou, e ei-lo que se desfaz em sophismas e insultos contra mim. Desejo tornar saliente esta contradicção.

Tambem já no *Correio Português*, quando o sr. Candido de Figueiredo estava na redacção d'esse periodico, sahirão algumas palavras de louvor aos meus humildes trabalhos philologicos e ethnographicos; mas então não tinha eu escrito ainda nada em desabono (nem em abono) do sr. Figueiredo... Passemos adeante.

O sr. Candido de Figueiredo, ao escrever as suas *Lições*, cuidou que todos as acatavão, que elle era um oraculo das salas, um prodigio de finura e de tretas: vim eu que mostrei que tudo era *vanitas vanitatum*, e que o sr. Candido de Figueiredo illudia os leitores do livro, — e logo se irrita de modo espantoso, tentando responder-me fosse como fosse, com tanto que dissesse mal de mim e lançasse alguma poeira aos olhos dos ingenuos...

Não podia o sr. Figueiredo deixar de se convencer de todas as razões que eu produzi contra o seu livro; com toda a certeza se con-

¹ Publicado n-*O Dia*, de 15 de Agosto de 1891.

*

venceu, porque ellas erão evidentes, e creio que a comprehendê-las chegará o intellecto do meu adversario: mas ás vezes a filaucia tem mais força que [o 'juizo, — e o sr. Figueiredo entendeu que lhe não ficava bem emmudecer, embora não houvesse que responder. Os seus artigos não são pois uma *resposta*, são um *despique*.

Vamos ás provas.

1. Aceite POR aceiteo

O sr. Figueiredo chama «tolissimo» a *acceite*, e diz que eu «engoli» a sua argumentação! Elle tinha começado por condemnar *acceite*, substituindo-o por *acceito*. Retorqui-lhe como se viu no §. 1.º da minha anályse. Depois veio dizer que, se eu queria *acceite*, baseado em *assente*, *entregue*, etc., devia eu tambem adoptar *louvade*, *escrete* e *comide*. Aceitaria, se essas palavras fossem usadas geralmente. Mas o meu adversario nem ao menos soube formular o seu raciocinio, pois se *assente* e *entregue* correspondem a *assentar* e *entregar*, devia elle formar *louve*, *escreve* e *come*, e não *louvade*, *escrete* e *comide*!

A minha argumentação consiste no seguinte. O que é que principalmente se exige para se adoptar uma palavra? Que seja conforme com as leis da lingua, e que, em dada epocha, seja de uso geral.

Ora *acceite* é de uso tão geral, que não só vem nos jornaes, etc., mas philologos competentes, como os srs. Adolpho Coelho e Epi-

phanio Dias., lhe derão (como mostrei) foros de cidade. E ella vem já noutros dictionarios, por exemplo no *Contemporaneo*. Por tanto satisfaz a uma das condições essenciaes.

E satisfaz á outra, porque, assim como ninguem repelle ENTREGUE, ASSENTE, LIVRE, QUITTE e ESTREME (que fazem de participios), ninguem deve tambem repellir ACCEITE, visto que é palavra geralmente usada. O não vir ella nos classicos, se é que não vem ¹, não é motivo contra a acceitação da palavra, desde o momento que ella é boa e usada: pois de quantas palavras nos servimos, com que nunca sonhou Vieira nem Bernardes? Os classicos não fazem a lingua.

— Logo, toda a gente pôde continuar a escrever *acceite*, não obstante as sentenças de quem não sabe o que diz.

2. A miudo POR amiude

Nas suas *Lições Praticas*, pag. 20, diz o sr. Figueiredo que *a miudo* é « corrupção INADMIS-SIVEL do adverbio *amiude* ».

¹ [No decurso da publicação da 2.^a ed. d-*O galho depennado* encontrei effectivamente o participio ACCEITE empregado por Camillo Castello Branco; como eu havia citado o respectivo texto numa nota do §. 16, deixo-o ir no mesmo logar nesta 3.^a ed., e para lá remetto o leitor. De passagem direi que a palavra não é empregada em dialogo popular, mas sim como termo de linguagem litteraria. — Por tanto a palavra *acceite*, considerada como participio, tem tudo a seu favor: a logica da lingua, a auctoridade dos grammaticos, e o uso dos bons escriptores. Ainda ousará o sr. Figueiredo repellir-la?].

Eu, no §. 2.º da minha anályse, disse:

1.º) que, comquanto eu reconhecesse que *amiude* era classico, tambem reconhecia como tal a *miudo*;

2.º) que *amiude* provém de *amiudo*, — formação analoga a *a claro*, *a descoberto*, etc. — e não do latim *minute*, por que os adverbios lat. em *-e* se extinguirão, com raras excepções, das quaes *eu dei a razão plausivel* no portugûes.

O sr. Candido de Figueiredo, agarrando-se á forma *minute*, QUE EU LHE SUGGERI, diz que é licito, innegavelmente, tirar d'ella *amiude*, em virtude das excepções que Diez aponta. Mas o sr. Figueiredo nem sequer leu Diez, senão não fallaria assim. Eu citei Diez, mas a razão que dei é *minha*.

Diez escreve (cito a traducção fr., que é a que em geral se cita, e a que eu tenho desde os tempos de estudante): « Les adverbos, tirés d'adjectifs, terminés en *e* sont éteints » ¹. E Diez nem sequer se refere ao portugûes. Eu é que, por sinceridade scientifica, citei *bem*, *mal*, *tarde* (como excepções), do lat. *bene*, *male*, *tarde*, que se conservarão, quanto a mim, por SEREM AO MESMO TEMPO SUBSTANTIVOS. Esta é que é a razão que apresento da excepção da regra de Diez.

O sr. Figueiredo diz-me que *a miudo* é corrupção de *amiude*. Mas eu peço-lhe que me dê a razão da existencia de *minute* na sua forma portuguesa *amiude*. Se *minute* é excepção, o que é que a explica? E como se explica tam-

¹ *Grammaire des langues romaines*, II, 427.

bem o *a* de *amiude*? Sem me dar a razão d'isto, nada vale a sua sentença.

Mas vamos á refutação directa. Insinúa o sr. Figueiredo que eu, para provar a existencia de *a miudo*, cito um hypothetico Moraes e apenas um hypothetico Bernardes.

Ora, quanto ao Moraes, referia-me eu ao *Diccionario da lingua portuguesa*, 7.^a edição (augmentada); mas a edição pouco importa; o que importa é o Bernardes. Eu lhe digo. Este Bernardes é o auctor da *Nova Floresta*, onde ¹ vem «dai-lhe *a miudo* conselhos» (e até as palavras estão separadas!).

E quer ainda mais? Ahi tem o *Diccionario* da Academia, que neste caso é auctoridade, onde se cita o seguinte: «não vás *ameudo*» (Leão); «que tão *ameudo*» (Morato). Ahi tem o *Diccionario* chamado de Domingos Vieira, onde se cita o seguinte: «eu for tão *ameudo* visitado» (Francisco de Moraes — *Palmeirim de Inglaterra*); «tanto *ameudo*» (Filynto). Ahi tem o *Diccionario Contemporaneo* que lhe cita um *a miudo* de Camillo ². Ahi tem D. Francisco Manuel, que escreve: «ha de sahir muito *ameudo*» ³. Ahi tem Rivára que diz: «os antigos diziam *a miude* por modo adverbial, ... e TAMBEM EMPREGAVAM A CADA PASSO o adjectivo *miudo*» ⁴.

¹ Vol. II, pag. 72.

² [Na *Brazileira de Prazins* lê-se tambem: «vinha o cirurgião *a miudo*» (pag. 329)].

³ *Cartas*, centuria IV, c. 86.

⁴ Nota ás *Reflexões* de Candido Lusitano, II, 182.

E, como suprema prova convincentissima, cito-lhe o hespanhol *a menudo*, a que corresponde, como phrase de lingua filha da mesma mãe, o nosso *a miudo* ou *ameudo*.

Em resumo: assim como se diz *a claro*, *a descoberto*, etc., tambem se disse (e diz) *a miudo*; depois, de *a miudo* ou *ameudo*, por ser uma locução, fez-se *ameude* ou *amiude*. Se *ameude* é classico, *ameudo* tambem. São duas fórmulas concorrentes.

Haverá alguma coisa mais clara? O sr. Candido de Figueiredo é que nem mesmo ainda diante d'aquelles nove exemplos se vencerá da verdade, pois, como diz um proverbio lapão, que cito em francês: «Neuf sages ne pourraient fermer la bouche à un sot...».

3. Meio, COMO ADVERBIO

O sr. Figueiredo, nas *Lições*, pag. 26-27, escreve que quem diz por exemplo «livros *meios lidos*», «diz mal».

Eu repliquei-lhe:

1.º que a expressão se explica por uma lei de syntaxe, de que dei outro exemplo (*muitos poucos dias*, em André de Resende, por *muito poucos* ¹);

2.º que ella vem em escriptores graves, como Mendes Pinto, Herculano e Garrett,

¹ [E cfr. tambem, se não ha erro de impressão: «e ficaram *sós dous*». Fr. Aleyxo de S. Antonio, *Philosophia moral em proverbios*, pag. 52].

cujos textos citei, e na *Historia tragico-maritima*, vol. I, 260, num artigo de Manuel Barradas ¹.

Com relação ao 1.º ponto, o sr. Figueiredo reconhece a lei. Ainda bem!

Mas com relação ao 2.º accrescenta que, se Herculano e Garrett (só falla d'estes!) tal disserão, é porque *dormitavam!* Isto é lá razão scientifica? E accrescenta com ares de superioridade: «sem verificar agora se aquillo foi invenção de typographos ou revedores....» — Mas então verificasse! Não se destroem factos com supposições gratuitas.

Por consequencia, toda a gente póde dizer *meios lidos* e phrases semelhantes, que diz muito bem: não só isso está de acôrdo com as leis da lingua, mas assim disserão Mendes Pinto, Herculano, Garrett, etc., que talvez sejam um pouco mais auctorizados que o sr. Candido de Figueiredo...

¹ [Seria facil accumular mais textos. Aqui dou um de Camões, *Lusiadas*, III, 113:

Os feridos com grita o Ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros *meios mortos* se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

Aqui dou outro de Fr. Aleyxo de S. Antonio, *Philosophia moral*, pag. 198: «despedindo-se com as barbas *meyas* rapadas».

E por brevidade omitto outros que conheço de Herculano, Rebello da Silva, etc.]

4. Adeus

Como o meu adversario tinha dito no seu livro que os etymologistas intransigentes devião escrever *adheus*, eu tirei naturalmente como conclusão, mas ainda assim *com certa reserva* (pois escrevi *parece*), que o A. imaginava *adheus* composto de *ad+heus*.

Replica-me elle porém agora: « não remontando ao *deva* sanscrito, encontramos *Deus* escrito em grego: *Theos*. Vê agora o critico onde está o *h*? »

O sr. Figueiredo livrou-se de Scylla e meteu-se em Charybdis. Pois elle imagina ainda que o grego e o sanscrito são as origens do latim? O sr. Figueiredo, que cita Bopp, devia saber que este A. demonstrou que o grego, o sanscrito e o latim são linguas irmans! Que tem pois o grego *Theós* com o lat. *Deus*? Por ventura *Deus* vem de *Theos*? Não pôde vir de modo algum ¹.

Mas o sr. C. de F. contradiz-se: pois se, na sua absurda hypothese, suppõe que *Deus* vem do grego *Theós*, e *Theós* do sanscrito *deva* (aliás *dévá*), e se, por outro lado, diz que «um etymologista a valer procura as fontes

¹ [Não porque isso seja necessario para a minha prova, mas apenas como illustração do assumpto, aqui cito dois trabalhos a proposito da explicação do latim *deus*: *Dictionn. étymolog. lat.* de M. Bréal & Bailly, 1886, p. 62; e *Lateinische Etymologie* de Otto Keller, 1893, p. 35].

mais remotas», seguia-se que *Deus*, e portanto *adeus* (= *a-Deus*), não tinham *h*, porque no remoto sanscrito não está essa letra!!!

Qual é por conseguinte o motivo de o sr. Figueiredo declarar que um etymologista intransigente devia escrever *adheus*, assim com *h*?

5. Cerimonia

O A. diz no seu artigo que *cerimonia*, ou, como elle escreve, *caeremonia*, vem da cidade de *Caeres*. Eu repliquei-lhe, com Bréal, que a palavra vem de *cerus*, como *sanctimonia* de *sanctus*.

O sr. Figueiredo oppõe a Bréal, professor de philologia comparada no *Collège de France*, os seguintes auctores: Bluteau e Moraes. Isto, no campo da pura etymologia latina, é simplesmente comico! Bluteau, do sec. xvii-xviii! Moraes, um simples lexicographo, que escrevia sem sonhar sequer com a philologia romanica! Eu reconheço o grande valor dos dois, — mas cada qual no seu logar e no seu tempo.

E cita-me tambem Calepino, um auctor do sec. xv! O sr. Candido de Figueiredo imaginará que o cerebro da humanidade é improgressivo? Pois a sciencia, em 50 annos, em 2 seculos, em 4 seculos, permanecerá na mesma? Não haverá outros resultados hoje que oppôr aos de hontem?

O sr. C. de Figueiredo appella ainda para Bescherelle, Littré e a Academia Hespanhola. Mas que tem isto com as etymologias latinas? Bescherelle é lexicographo; Littré só se occu-

pa de philologia francesa. Agora com relação á Hespanha, leia o sr. Figueiredo o seguinte, que vem na notabilissima revista philologica *Romania*, de G. Paris, em quem o nosso A. reconhece com razão um grande philologo :

«Tant qu'ils ne voudront pas apprendre la phonétique dans les livres où on peut l'apprendre, les espagnols ne feront rien de bon. Qu'ils prennent donc exemple sur les portugais, les Coelho, les Leite de Vasconcellos e les Gonçalves Vianna, qui, en quelques années, ont créé une école de philologie digne de la plus haute estime et qui se développe et se fortifie tous les jours». (*Romania* de Abril de 1891, pag. 375) ¹.

O mais interessante do sr. C. de F. é isto: o nosso A. contrapõe tambem Bopp a Bréal. Ora elle não sabia que Bréal tinha em parte adoptado as idéas de Bopp!! O sr. Figueiredo não leu Bopp, senão veria que o grande philologo allemão traz CERIMONIA ², e não *caerimonia*, como o sr. Figueiredo suppunha! ³

Accrescenta este que, se eu lesse Larous-

¹ Se nesta citação deixo ir o meu nome, não é por orgulho ou vaidade, mas por legitima defesa contra as arguições insidiosas do meu adversario.

² *Grammaire comparée des langues indo-européennes* (cito a traducção francesa, que é a que tenho em casa, desde os meus tempos de estudante), vol. iv, pag. 34-35.

³ [Para maior clareza transcrevo as proprias palavras de Bopp: «le latin a perdu les primitifs en *môn* des formations comme *querimônia*, *alimônia*, *alimônium*, CERIMONIA» (*Ib., ib.*). D'onde se vê que o sr. Candido de Figueiredo, quando citou Bopp, o citou sómente de orelha!]

se (!!), «saberia que os grandes philologos, como Bopp, filiam a palavra no sanscrito *kar*, ou *kr kor*». Mas eu, que não preciso de ler Larousse para saber o que diz Bopp, porque tenho Bopp aqui na minha estante, ao pé de mim, e então leio este, vejo que Bopp não deriva a palavra do sanscrito, mas sim da raiz indo-europeia *cer*, a que elle diz corresponder *kar* em sanscrito!!¹ Que argumentador este, que cita livros que só conhece de ouvida, e que m'os oppõe a mim, que os tenho em casa e os leio! E livros, que dizem o contrário do que elle pensa! A cuidar que Bopp tem *caeremonia*, e este a ter CERIMONIA!!

Ainda ha mais. Insinua o sr. Figueiredo que eu citei mal o Theil, e diz: «saiba, meu caro redactor, que o *Grande Diccionario* de Theil, além de permittir *ceremonia*, dá a esta palavra a mesma etymologia» (de *Caeres*). Mas, se o sr. Figueiredo acceita que *Caeres* é o etymo, para que diz a cima que elle está no sanscrito *kar*? O sr. Figueiredo confunde alhos com bogalhos.

Concluindo o seu arrazoado, diz que eu citei Theil «sem saber o que citava». O sr. Fi-

¹ [Já lá vae o tempo em que se acreditava que o sanscrito era a lingua mãe commum das linguas indo-europeias, isto é, do grego, do latim, do germanico, etc. O sr. Figueiredo é que ainda, por ser muito ignorante, o suppõe! O que está hoje assente em glottologia é que, como eu disse já no §. 4, o sanscrito, o latim, o grego, o celtico, o germanico, etc., são linguas irmãs, isto é, provenientes da chamada «lingua indo-europeia primitiva»].

gueiredo julga-me por si. Elle é que barallhou tudo. Vejamos.

O *Grande Diccionario* que o sr. Figueiredo suppõe de Theil, não é d'este, é de Freund, e foi TRADUZIDO por Theil! Tem a data de 1855. —E o diccionario que lhe citei de Theil é o *Dictionnaire latin-français*, Paris 1880, onde Theil, seguindo Freund, corrige e completa o *Grande Diccionario*. Ora Theil nem sequer traz *caeremonia*; traz só CAERIMONIA e CERIMONIA, e cita Cicero, Caesar, etc. Vê o sr. Figueiredo como as settas se mudam em grelhas? Accusa-me de que citei Theil «sem saber o que citava», e elle é que nem o titulo da obra viu bem!! Pois, se quiser, eu posso mostrar-lhe os dois: o de Theil, que o sr. Figueiredo não conhece, e o de Freund, TRADUZIDO por Theil.

A questão não é porém de «diz este» e «diz aquelle». Vamos á demonstração directa.

Ha em latim outras palavras de fôrma semelhante a *cerimonia*, a saber: *castimonia*, *acrimonia*, *aegrimonia*, *sanctimonia*, etc., palavras em que entra o suffixo composto *-monia*, e os themas dos nomes *castus*, *acer*, *aeger*, *sanctus*, etc. Se em latim existe tambem o nome *cerus*, em acepção religiosa, que dúvida ha que *cerimonia* se pudesse formar como aquellas palavras? Eis um quadro, para mais clareza:

sanctimonia = *sanctus* + *monia*
castimonia = *castus* + *monia*
acrimonia = *acer* + *monia*
aegrimonia = *aeger* + *monia*
parsimonia = **parsus* + *monia*
 (*parcimonia* = *parcus* + *monia*,
 CERIMONIA = CERUS + MONIA.

Não é preciso ser philologo para comprehender este raciocinio. Portanto é CERIMONIA, com *i*, e não com *e*, como o sr. Candido de Figueiredo diz ¹.

Assim refuto pela segunda vez as infundadas opiniões do sr. Candido de Figueiredo. Não me servi de insultos, servi-me de factos scientificos. Não citei a *minha auctoridade*, citei os textos da lingua. Não sophismeï, mas, pelo contrario, argumentei lisamente.

6. Sem si

Nas *Lições praticas* condemnou o A. a expressão *sem si* e analogas, indicando que se devia dizer *sem o seu amor*, *sem a menina* (sic!) — e acrescentando que *sem si*, *de si*, etc., no tratamento familiar da 2.^a pessoa grammatical, erão «disparates» (p. 51).

Eu repliqueï, na minha anályse ², que taes expressões erão usadissimas, e pedi ao sr. Figueiredo que justificasse a sua condemnação.

Vem elle, no *Dia* de 14 de Setembro de 1891, e accusa-me de eu empregar a expressão «tratamento familiar da 2.^a pessoa do discurso» ci-

¹ [Cfr. Bréal & Bailly, *Dictionn. etymolog. lat.*, 2.^a ed., p. 41. — Ainda que se oppusessem dúvidas á explicação d'aquelles AA., um facto porém está assente, e é que em português deve escrever-se CERIMONIA (com *i*, e não com *e*), pois nas melhores edições dos AA. romanos, e nos melhores dictionarios latinos modernos, vem sempre a palavra com a terminação -IMONIA e não -EMONIA].

² Vid. p. 13 (2.^a ed.).

tando-me Soares Barbosa e Diez para me *provar* que *si* é um pronome da 3.^a pessoa e não da 2.^a!

Isto é falta de senso comum, mas lá está no *Dia* de 14 de Setembro! Pois se eu não soubesse que *si* era um pronome da 3.^a pessoa (o que sabe qualquer estudante de instrucção primaria elementar), não indicava eu, como digno de nota, o seu emprêgo na 2.^a pessoa, no tratamento familiar!

O sr. Figueiredo oppõe-me depois C. Castello Branco, que condemnou igualmente o emprêgo familiar de *si* na 2.^a pessoa, — mas que o condemnou de modo vago nos *Criticos do Cancioneiro alegre*, em um acto tambem de puro desfôrço. Eu quando tenho por mim o uso geral e a razão philologica, não me importo muito com as sentenças dos puristas, já o disse noutro lugar; todavia neste caso está tambem a meu favor um escriptor classico, que, tanto pelo que respeita a instrucção geral, como a conhecimento particular da lingua portuguesa, não fica a dever nada a Camillo: é D. Francisco Manoel de Mello. Diz este illustre polygrapho do sec. xvii, nas suas *Cartas familiares*, ed. de 1664:

«quando V. M. (vossa mercê) nos der aquella occasião de alegria que desfaça *em si* e *em nós* os pesares presentes, como *seus* servidores e amigos de V. M. desejamos....»¹.

¹ Cent. I, carta 29.

Depois de esta citação, que apresento com toda a exactidão bibliographica, o que o sr. Candido de Figueiredo não costuma fazer, ainda restarão dúvidas á cêrca da vernaculidade do emprêgo de *si* no tratamento familiar da 2.^a pessoa do discurso? ¹

O sr. C. de F. termina o seu despique com estas palavras que se referem a mim: « Se o critico soubesse um pouco o italiano e o allemão, e se conhecesse todos os mestres que cita, talvez achasse um pretexto, até certo ponto plausivel, para justificar a tal expressão ».

Com relação a *não conhecer eu os mestres que cito*, a melhor prova que lhe posso dar de que os conheço, é que me não refiro a elles vagamente, como o sr. Candido de Figueiredo costuma, mas indico sempre a página e a doutrina.

Com relação ao italiano e ao allemão, quero talvez o meu arguente dizer que os italianos e os allemães usão respectivamente dos pronomes da 3.^a pessoa *ella* e *Sie* no tratamento da 2.^a pessoa; mas isto são argumentos contra elle!

Além d'isso, se o auctor julga a tal expressão plausivel, para que deita terra ao ar a condemná-la? O sr. Figueiredo não tem ideias certas: não quer apurar a verdade, quer unicamente despicar-se!

¹ [Na 2.^a ed. d'este opusculo juntei, a titulo de comparação, varios textos que aqui omitto, por desnecessarios. Na 2.^a ed. porém da minha análise das *Lições de linguagem*, pag. 13, nota, indiquei outro exemplo decisivo do emprêgo de *si* na 2.^a pessoa, numa carta de Herculano, na qual se lê: « A carta que me dirige tem um sabor acre. . . . queime-a. . . . Não é por mim: é POR SI ». (Prologo á *Paqueta*)].

Ora, se toda a gente usa das expressões *de si, comsigo, a si*, etc., no tratamento familiar da 2.^a pessoa, como usa de *lhe, seu*; etc., nas mesmas circumstancias; se taes expressões são auctorizadas por classicos como D. Francisco Manoel de Mello e Alexandre Herculano; se ellas se justificão pelo uso geral da nossa lingua e pela analogia com outras linguas, quaes são a italiana e a allemã, — segue-se que o sr. Candido de Figueiredo erra grosseiramente chamando a *sem si* «disparate contra a grammatica»¹, e manifesta evidente má fé litteraria insistindo nesse erro².

Que conceito nos podem, merecer as obras de um escriptor d'estes?

E os leitores virão que eu não *declamei*, mas que pelo contrario *demonstrei*.

7. A «Grammatica» do sr. Epiphanio Dias

Diz o sr. Figueiredo: «as grammaticas escolares não ensinam portuguez», e logo em seguida: «as grammaticas methodisam as regras que resultam da prática dos que bem escrevem portuguez».

Os leitores entendem-no? Se as grammaticas methodizão as regras da lingua, como é que não ensinão esta?

Deixemos a contradicção palpavel, e vamos para deante.

¹ *Lições practicas*, pag. 51.

² *N-O Dia*, de 14 de Setembro de 1831.

Em 1870 publicou o sr. Epiphanio Dias uma *Grammatica prática da lingua portugueza*, que mereceu em 1873 ao sr. Alves de Sousa, professor de Coimbra, alguns reparos no seu opusculo *Resposta a um critico*; mas o sr. Alves de Sousa limitou-se a pouco mais do que a analysar o lado formal do livro do sr. Epiphanio, pois, á parte algumas observações sobre as orações sem sujeito, o *se* apassivante, os verbos adjectivos e a theoria dos complementos, discente apenas as definições, os exemplos e o estylo, intitulado mesmo o seu capitulo «incompetencia *litteraria* do auctor da *Grammatica prática*», e não «incompetencia *scientifica*». Esta critica serodia e superficial do sr. Sousa fôra devida tambem a um despique, — porque na traducção portugueza da *Grammatica latina* de Madvig, feita pelo sr. Epiphanio em 1872, analysára este senhor com alguma dureza, embora justa, um trabalho philologico do professor conimbrigense.

Em 1875 publicou o sr. Epiphanio uma *Grammatica portugueza elementar* (hoje já em 8.^a ed.), com um plano geral que em parte differia do da primeira grammatica. Foi a ésta que eu me referi no meu artigo, como fica bem patente da anályse.

O sr. Candido de Figueiredo, que nunca tem inteira certeza do que diz, e que não possuia illustração philologica sufficiente para combater as minhas asserções, foi ao opusculo do sr. Alves de Sousa, e tirou de lá alguns corollarios para me oppor contra o sr. Epiphanio. Lamento que o sr. Figueiredo precisasse de recorrer neste caso a um estranho, pois mos-

tra que não está firme no assumpto; mas lamento sobre tudo que tentasse refutar a *Grammatica portugueza*, cuja 1.^a ed. é de 1875, com razões dadas contra a *Grammatica prática* de 1870, isto é, que quisesse atacar um livro com armas arremessadas a outro diverso!!

Já no §. 5 d'esta *Réplica* eu mostrei como o sr. Figueiredo citava livros em falso, o que succedeu com o *Diccionario latino* de Freund, que elle tomou pelo de Theil; agora acontece-lhe o mesmo! O sr. Figueiredo disse com graça, num dos ultimos numeros do *Dia*, que a minha sciencia era de livreiro, — era de titulos e datas. Se ao menos a sua tambem assim fosse, já elle não erraria em cousas tão simples!

Termina o sr. Figueiredo o seu arrazoado com outra falha bibliographica, porque assevera que a critica do sr. Alves de Sousa «passou em julgado», e que nem o sr. Epiphanio, nem «os seus adeptos appellaram da sentença», por não haver «por onde».

Enfada tanta má fé ou ignorancia. Pois o sr. Candido de Figueiredo não sabe que a sciencia do professor conimbrigense foi rebatida noutro opusculo do sr. Epiphanio, *O latim do sr. Alves de Sousa* (1873), que é em assumptos philologicos um dos mais interessantes trabalhos, quer na fórma, quer na essencia, que a nossa litteratura possui? D'este é que ninguem recorreu, que eu saiba.

Vêem os leitores a facilidade com que o sr. Figueiredo allia aos seus aleives a omissão de factos reaes e sabidos.

Ainda a proposito do meu §. 7 escreveu o sr. Figueiredo o seguinte: «Alexandre Hercu-

lano e Camillo não saberiam definir um *participio*, nem distinguir de uma oração *integrante* uma *condicional* ».

Que myopes que erão Herculano e Camillo! e que luz esplendorosa a do intellecto do sr. Figueiredo! *Risum teneatis, amici?*

8. Estar certo que

Tinha o sr. Candido de Figueiredo asseverado nas *Lições*, pag. 77, que phrases como *estar persuadido QUE, não ha duvida QUE, podemos estar certos QUE* «estão errados grammaticalmente», e que se deve dizer *DE QUE*.

Na minha anályse adduzi em contrário tres exemplos analogos áquelles, um de Bernardes, outro de Arráez e outro de Vieira ¹. Na sua resposta o sr. Figueiredo occulta, por má fé litteraria, os exemplos de Vieira e Arráez; e refere-se só ao de Bernardes, dizendo aleivosamente: «NÃO VALE A PENA verificar se o douto oratoriano teria escrito *Maravilha-me que*, pois seria esta a construcção mais genuinamente grammatical (!!), sem necessidade da particula *de*; e se a frase foi adulterada por uns editores patetas, que ha 20 annos se meteram a editar classicos. Se o critico faz obra por essas edições, regala-se».

Mas, se elle quer refutar o que eu digo, e mostrar que sabe, como é que NÃO VALE A

¹ Vid. no meu opusculo o §. 8 (pag. 17-18 da 2.^a ed.).

PENA verificar? Que argumentador é o sr. Figueiredo, que esgrime sempre nos ares?

Naquelle periodo ha aleive, pois insinua que eu me servi de uma edição adulterada, quando eu me servi DA MELHOR, que é a de 1708 (a 1.^a do tomo II), o que o sr. Figueiredo, se andasse com lisura, pôdia facilmente verificar; e ha insistencia no erro, pois repelle a syntaxe de *maravilho-me que*.

Eu citei já tres exemplos contra o sr. Figueiredo. Aqui cito mais, uns *exactamente iguaes*, outros analogos:

« não podemos DUVIDAR QUE nos dará outro por mutuo » ¹;

« PERSUADO-ME QUE me mandará fazer » ²;

« LEMBRA-SE V. M. QUE diz um ditado » ³;

« ESTEJA V. M. seguro QUE dou » ⁴;

« para que fique CERTO, QUE nem o primeiro movimento houve em my de querer » ⁵.

Ainda terá o sr. Figueiredo alguma cousa que dizer a estes exemplos de dois classicos tão auctorizados, como são Vieira e D. Francisco Manoel? Mas eu podia citar muitos mais, se isso fosse preciso ⁶.

¹ Vieira, *Palavra de Deus*, Lisboa 1690, p. 180.

² Francisco Manoel, *Cartas familiares*, 1664, cent. III, c. 80.

³ Id., ib., cent. IV, c. 86.

⁴ Id., ib., ib., ib.

⁵ Id., cent. IV, c. 66.

⁶ Por exemplo: Em Camillo Castello Branco, *Brazileira de Prazins*: « Ganhára medo que o roubasse » (pag. 258); « lembrava-se que o pae a prevenira » (pag. 270). Em F. J. Freire, *Reflexões*: « estamos persuadidos que não desempenharemos o assumpto » (pag. 3-4).

Como os leitores vêem, o sr. Figueiredo, não tendo meio de refutar os factos positivos que lhe opponho, recorre a expedientes: falsaria os meus argumentos, insulta, foge da questão, e ainda por cima quer fingir de sabio, quando a elle (pobre João Fernandes!) é bem applicavel o seguinte proloquio popular:

O ignorante a todos reprehende,
E falla mais do que menos entende. . .

9. Trazer á baila

Na sua resposta o sr. Figueiredo fugiu da questão principal, mas alcança-lo-hei sem grande custo.

Disse elle nas *Lições*, pag. 72, que *trazer á baila* era erro em vez de *trazer á balha*. Eu, sem condemnar esta última expressão, que até tratei de explicar, repliquei que a outra era também accetavel, e igualmente lhe busquei a explicação ¹.

O sr. Figueiredo dá como já sabido o que eu escrevi, e diz: «conheço ha muito essa explicação».

Agora pergunto eu: d'onde a conhece? Em que dictionario se explica *balha* como substantivo verbal tirado de *balhar*? O sr. Figueiredo costuma dizer sempre, aproveitando-as, que as

¹ Vid. a minha análise das *Lições*, §. 8 (pag. 17-18 da 2.^a ed.).

minhas explicações ou são sabidas, ou são más; o peor porém é que nunca prova o que petulantemente affirma. Desgraçado! vê-se batido de todos os lados, e não tem outra evasiva...

Condemnou o sr. Figueiredo *trazer á baila*, sem dizer porquê. Eu oppus-lhe a minha argumentação philologica, que o sr. Figueiredo diz conhecer, mas de que, infelizmente para elle e para os seus leitores, não tirou proveito nenhum, e oppus-lhe vários documentos. Como desejo que tudo o que digo vá bem provado, eis mais casos de *á baila* que já Bluteau e Moraes tambem apontão, e que eu colho nos proprios textos dos AA. que elles citão:

«estes peccados novos fezerão vir *á baila* os antigos»¹.

«desenrolão logo dos latinorios, trazendo *á baila* Galeno e Avicena»².

Depois d'isso e do que escrevi na anályse, não sei com que é que o sr. C. de F. me poderá retorquir,—pois lhe provei que tão puro e tão correcto é *trazer á balha* como *trazer á baila*.

Para cumulo de desconchavo, termina o sr. Figueiredo o seu despique assim: «*balha* na expressão *trazer á balha*, não vem de *balhar* nem de *bailar*: vem do francez *bail*, que nada tem com aquelles vocabulos. E olhe que esta expli-

¹ Fr. Antonio Feo, *Trattados das festas*, vol. II, 1615, fls. 66-v., col. 1.

² Fr. Manoel de Azevedo, *Correcção de abusos*, Lisboa 1668, pag. 220.

cação não fui eu que a inventei ¹, acha-se em letra redonda (!!), e foi escrita ha muitos annos, quando o *balhar* era mais conhecido do que hoje. Procure e achará» ².

Sobre ignorante é malevolo, porque, ao passo que eu tenho tido sempre a franqueza de lhe dar todas as indicações bibliographicas precisas, elle occulta as suas! Mas eu sei até onde chega a sua sciencia, e por isso facilmente descubro o que elle cala.

Aquella etymologia vem no *Diccionario* de Moraes (tenho presente a 4.^a ed.), onde se diz á cêrca de *balha*: «virá do fr. *bail*?» O auctor d'essa etymologia foi, ainda assim, mais cauteloso do que o sr. C. de Figueiredo, pois a apresenta em dúvida; o sr. Figueiredo, porém, julga-a a «mais racional» de todas!

Contra ésta etymologia militão tres fortes razões:

1.^a *bail* é palavra masculina, e *balha* é feminina;

2.^a *bail* significa «arrendamento», ao passo que a expressão «á balha» significa propriamente «á dança» (cfr. *andar na dança*, *andar numa dança*, etc., phrases muito intelligiveis e usuaes), o que nada tem de commum com o sentido da palavra francesa;

3.^a *bail* não dava phoneticamente *balha*,

¹ Louvo-lhe a modestia; todavia o sr. Candido de Figueiredo é fertil em invenções d'este jaez...

² Vid. *O Dia*, de 14 de Setembro de 1891; e a *Tosquia*, pag. 23.

mas *balhe*, como o francês *détail* deu *detalhe* (que aliás é gallicismo inutil).

Por tanto, todo o palavreado do sr. Figueiredo ficou reduzido a pó; e não me foi preciso recorrer a subterfugios, bastou-me a lealdade scientifica, — que é coisa que o sr. Candido de Figueiredo não conhece, pois elle não passa de um simples CATURRA, vocabulo que, como mostrei no §. 27 da minha anályse, significa BOBO, e neste caso — BOBO DE COMEDIA!

10. Gallicismos antigos. O ditongo «ou»

O sr. Figueiredo occupa meia columna com puras brincadeiras. Mas eu não o deixarei fugir. Vamos á crua realidade dos factos. A questão versa sobre tres pontos.

a) *Aço*. — Escreve elle n-*O Dia* de 22 de Setembro de 1891:

«... é apenas pretexto para o sr. Leite fingir de philologo, como quando declara: — *Aço*, entendo que vem do português archaico *aceiro*. — E o que elle *entende* é o que é. Haja alguem que duvide».

Ora eu esperava uma refutação da minha hypothese; mas o sr. Figueiredo não a dá, apenas declama, como quem não tem nada que objectar!

A minha hypothese consiste nisto. Quando numa lingua ha palavras derivadas, muitas vezes acontece que outras, que casualmente tem terminações semelhantes áquellas, são tomadas tambem como derivadas, e cria-se-lhes um falso radical. Exemplos: como se sabe que muitos

nomes acabados em *-ão* são augmentativos, tambem a uma palavra tal como o lat. *gurgulionem*, que devia dar em port. *gurgulhão*, supposse a fórma primitiva *gurgulho* (que não póde vir do nominat. *gurgulio*, pois em regra as palavras portuguezas vem do accusativo, tornado typico); do mesmo modo, como se sabe que muitos nomes acabados em *-eiro* vem de uma base masculina ou feminina, nós por brincadeira, dizemos a *Estranja*, como se d'ahi viesse *estranjeiro*: ora é, applicando o mesmo raciocinio, que eu supponho que, assim como se vê que *ferreiro* (originariamente adjectivo) vem de *ferro*, tambem da fórma archaica *aceiro* se deduziu *aço*, que ficou realmente na lingua, como succedeu com *gurgulho*.

Para quem não tiver preconceitos no espirito, esta explicação julgo-a clara ¹.

¹ [Seria facil juntar outros exemplos. Aqui lembro um, que me parece bastante elucidativo. Assim como a *pinho* (arch. *pino*, do lat. *pinus*) corresponde *pinheiro*, assim como a *olmo* (do lat. *ulmus*) corresponde *olmeiro*, tambem de *castanheiro* (do lat. **castanarius*) creio que se deduziu *castanho*, palavra que se usa em expressões como «madeira de *castanho*», analoga a «madeira de *pinho*». Tambem temos *castanho* como adjectivo («boi *castanho*», isto é, «côr de *castanha*»); mas aqui parece-me haver outro processo de formação. — Em resumo:

<i>gurgulhão</i>	<i>gurgulho</i> ;
<i>estranjeiro</i>	<i>Estranja</i> ;
<i>castanheiro</i>	<i>castanho</i> ;
ACEIRO.....	AÇO.

Isto é, as primeiras palavras, sem as respectivas terminações, que forão consideradas como suffixos derivativos, derão as segundas].

b) *Camisa*. — Tendo o sr. Figueiredo citado a opinião de Duarte Nunes, segundo a qual, *camisa* vinha do fr. *chemise*, eu mostrei que isso era absurdo, e indiquei os ultimos trabalhos da philologia romanica onde se explica a origem de *camisa*: do baixo latim *camisia*, de immediata procedencia celtica, e remota origem germanica.

Vem o sr. Figueiredo e nota-me que faço «affirmações oppostas», pois, dando eu *camisa* como procedente do latim vulgar *camisia*, affirmo em seguida «que, segundo os ultimos estudos, a palavra é de procedencia celtica, e, mais remotamente de procedencia germanica». — E accrescenta com ares de pimpão: «Então em que ficamos?»

Mas toda a gente de senso reconhece que não ha nenhuma contradicção no que escrevi.

A palavra é de remota origem germanica; da lingua dos Germanos passou para a dos vizinhos Celtas da Gallia; da d'estes passou para o latim, d'onde os povos romanicos a recebêrão. Quem não entenderá isto? E quantos factos não ha semelhantes?

No seu arrazoado vem ainda um desconchavo, pois assevera que eu desacato Diez, por este dizer que a palavra é «de origem duvidosa», e eu indicar uma etymologia plausivel.

Então, entre Diez, que morreu em 1876, e o *Diccionario* de Koerting, que está em publicação, e que eu citei como o logar onde essa etymologia se justifica, a sciencia não adeantaria nada?

Termina o sr. Figueiredo assim:

«Filólogos, como o Diez, é que eu intendo».

Para isso era preciso porém que o sr. Figueiredo tivesse entendimento...¹

c) *Ourina*. — Nas *Lições practicas*, pag. 85, tinha elle estatuido que, para se escrever *ourina*, era preciso que os romanos tivessem dito *aurina*, d'onde nós deduziríamos aquella, como de *aurum* deduzimos *ouro*.

Eu objectei que o ditongo port. *oi* ou *ou* não vem só de *au*, mas pôde vir de *a + l*, *o + c*, etc.; isto é, se *ou* (ou *oi*) pôde ter tantas origens, para que escolher como base possível sómente *au*?

A este meu argumento logico responde-me o sr. Figueiredo com o seguinte, que nada tem com a questão:

«Ora o meu parecer (*qual?*) é o do grande mestre W. Meyer, levemente citado a cada passo pelo meu critico. Veja elle a pag. 249 do tomo 1 da *Gram.*: — Em portuguez o ditongo *au* chegou a *ou* e depois a *ó* nos dialectos portuguezes do Norte: *póco*, *móco*, *lóco*».

Em tão poucas palavras, o sr. Figueiredo cae por terra tres vezes:

1.^a não diz em que consiste a minha *leviandade*, quando elle é que foi leviano, como já mostro;

¹ Além de *ajo* e *camisa*, eu na minha analyse fallava de *atar*, palavra, a proposito da qual elle dissera tambem dislates, que rebati. Mas a este ponto não respondeu o sr. Candido de Figueiredo!! É a prudencia do cobarde que se sente vencido.

2.^a quis citar contra mim W. Meyer, sendo aquelles factos que este traz sobre dialectos portuguezes colhidos por elle nos meus trabalhos philologicos!!—Por ésta é que o sr. Figueiredo não esperava! Mas leia o Meyer todo com attenção, e verá que tudo ou quasi tudo o que elle diz de dialectos portuguezes modernos é aproveitado dos trabalhos do sr. Gonçalves Vianna e dos meus;

3.^a interpreta mal a passagem de Meyer, pois elle dá, e é verdade, *pôco, môco, lôco*, etc., como da Beira ¹, — ao passo que o sr. Figueiredo faz-lhe dizer em absoluto que o phenomeno da condensação de *ou* em *ô* pertence a todos os dialectos portuguezes do Norte ², o que é falso.

Escreve mais o sr. Figueiredo:

«Reprove o Meyer; faz favor?»

Como hei-de eu reprová-lo, se o que elle naquelle caso diz dos dialectos portuguezes lhe foi ministrado por mim!!

Não quero desviar-me do assumpto, senão eu poderia mostrar ao sr. Figueiredo uma carta do seu apregoado, mas mal comprehendido, W. Meyer (professor de philologia romanica na Universidade de Viena d'Austria), em que elle,

¹ Elles são só porém de parte da Beira.

² Na traducção franceza, de que o sr. C. de Figueiredo se serviu, está *dans les dialectes portugais du Nord*; mas no original allemão da *Grammatica* (que eu possuo, e que o proprio Meyer me offereceu) lê-se *in nördportugiesischen Mundarten* (§. 281); o que não é bem a mesma coisa, pois o allemão diz *em dialectos*, e o francês diz *nos dialectos*.

ha uns quatro annos, me pede os meus trabalhos philologicos para a *Grammatica das linguas romanicas*, onde de facto os aproveitou ¹; e poderia mostrar-lhe mais duas, ainda de ha poucos dias, em que elle me faz novos pedidos para o 2.º tomo da *Grammatica*.

Digo isto, referindo-me assim a factos tão intimos, porque o sr. Candido de Figueiredo, que da philologia não sabe nem o A B C, julga embaçar-me, fallando aos seus leitores duas vezes em Meyer; ora o embaçado é elle!!

11. Igreja

O snr. Figueiredo, como de costume, não entendeu o meu raciocinio, que consistia no seguinte:

Como a pronúncia moderna é *igreja*, com *i*, e como a fôrma archaica é *eigreja*, quem escreve *egreja*, com *e*, em attenção a ecclesia, faz de conta que nunca existiu *eigreja*, — o que constitue uma solução de continuidade na historia da palavra, porque *i* vem directamente de *ei*, e não de *e*.

Entende agora?

12. Excepto

A proposito d'esta palavra havia o sr. Figueiredo commettido dois erros: um, dizendo

¹ Vid. por exemplo: *Grammaire des langues romanes*, vol. I, pag. xiii, e os §§. 6, 144, 381, 400, 483, etc.

que era *adverbio*; outro, dizendo que é «e foi sempre», invariável!!

Eu citei-lhe um texto de Bernardes, em que se prova que *excepto* era d'antes participio, e por tanto variável; e notei-lhe que no exemplo allegado «*excepto os coliseus*» era preposição e não adverbio.

O sr. Figueiredo, fingindo outra vez que já sabia o que eu disse, responde:

«Seguirei a estrada aberta e clara da *maioria dos classicos*».

Então, antes da minha advertencia, *excepto* era, e FÔRA SEMPRE, invariável; agora elle já admite que ALGUNS CLASSICOS a empregarão como palavra variável!

E, depois de assim acceitar á socapa o que eu lhe digo, ainda grita contra mim!

O que estimo é que aproveite com a lição...

Diz elle que eu lhe citei um unico caso de *excepto* variável, que foi o de Bernardes. Se quer mais, procure por ex. em Moraes, *Diccionario da ling. portug.*, s. v., que lá achará outros do grande classico Vieira; nesse *Diccionario* até, em opposição ao sr. Figueiredo, dão-se *exceptos, exceptas*, etc., como fórmãs mais correctas que as do singular!!

Vêem os leitores constantemente que toda a *sciencia* d'este sr. Candido de Figueiredo não passa de grande embófia...

13. Ha mais de

No exemplo «ha mais de sessenta annos que nasci», dissera o sr. Figueiredo que a ora-

ção *que nasci* era sujeito da primeira, e por tanto integrante.

Eu mostrei-lhe o absurdo d'isto, e elle, para fugir á discussão, respondeu-me com um palavreado sem senso comum, que nem discussão merece, pois eu contento-me com objectar o seguinte:

A phrase «*ha* mais de sessenta annos», onde o verbo *ha* é empregado impessoalmente, como em «*ha* homens na rua», corresponde a est'outra: «*passa* mais de sessenta annos», ou «*passam* mais de sessenta annos», pois de ambos os modos se diz em portuguez, sendo preferivel o primeiro modo. Não é isto? Creio *seguinte* que toda a gente aceitará o facto. Construamos pois agora assim a phrase que se discute:

Passam mais de sessenta annos que nasci ¹.

Diga-me neste caso o sr. Figueiredo se ainda imagina que o sujeito de *passam*, que está no plural, pôde ser a oração de *que*, como insensatamente diz que pôde ser de *ha* no primeiro exemplo!

Logo a oração de *que* é circumstantial de tempo, como eu affirmei ².

Ainda não percebeu?

¹ Cfr. em João de Barros: «eram já *passados* sete mezes *que* Antão Gonçalves viera do rio do Ouro». *Decadas*, 1, ed. 1628, fls. 17 v., c. 2. — Eu indico sempre o logar exacto, para que se possa verificar; o sr. Figueiredo não costuma fazer isso...

² [Para mais clareza do ponto, citei a pag. 26, nota, da 2.^a edição da minha *Analyse* uma phrase latina correspondente. — A phrase «*ha* mais de sessenta annos que nasci» *analyza-se* grammaticalmente assim. Temos aqui

14. Vem aconselhando

Eu citei-lhe Bernardes para justificar esta expressão. O sr. Figueiredo diz-me que uma phrase, assim com o verbo *vir*, a considera francesismo « sempre que a acção não seja representada por um *movimento* effectivo ».

Isto é uma argucia, ou antes, uma baboseira; mas em troca aqui tem um factio real: « est'outra educação que, depois de adultos, *vimos recebendo* dos homens » ¹. — Ora tanto *movimento effectivo* ha em « *vem aconselhando* » como em « *vimos recebendo educação* »!

O que eu vejo, cada vez mais, é que o sr. Candido de Figueiredo não pesca nada d'isto!

15. Dezaseis

As observações que apresentei para provar que se deve escrever *dezaseis* e não *dezeseis* (orthographia errada), o sr. Figueiredo não me

duas orações: uma, principal, « ha mais de sessenta annos »; outra, temporal, « que nasci », equivalente a « depois de ter nascido ». A primeira oração é impessoal, sendo *mais* o complemento directo de *ha*, e sendo a phrase de *sessenta annos* um complemento de genero.

Já que o sr. Figueiredo, apesar de se arvorar em pedagogico de grammatica, não soube dar ao seu consulente a explicação devida, não desejo que este fique sem ella, e por isso lh'a dou eu, como posso].

¹ Castilho, in *Revista Contempor.*, 1861, pag. 276.

responde nem palavra, só diz que dou tratos á philologia, etc.; mas eu não queria palavreado, queria argumentos! ¹

Como não tem que me retorquir, muda de assumpto, e diz agora que W. Meyer observára que eu havia descoberto que o *u* em Portugal passára para *ũ*; «*toutefois* (transcreve o sr. Figueiredo da traducção franceza da *Gram.* de Meyer, cuidando que nestas palavras ha censura!) *on n'a pas jusqu'à présent de renseignements exacts sur l'étendue du phénomène*»; mas o mais comico é que Meyer SE NÃO REFERE A MIM, refere-se á *Revista Lusitana*, vol. I, pag. 32, A UM ARTIGO DO SR. VASCONCELLOS ABREU, onde este senhor apenas, de mais a mais, incidentemente falla do *ũ*!!

O sr. Figueiredo não só não entende o que lè, mas cita livros que não compulsa bem (pois troca os nomes dos auctores), e ainda por cima arremessa aleives contra Meyer, insinuando vilmente que este faz censuras que de facto não faz!!

Torna-se precisa muita paciencia para se responder com serenidade a tal argumentador...

¹ [O sr. Figueiredo, como de ordinario, quer impôr que já sabia o que eu affirmava; por isso chama com muita graça ao §. em que me refiro a *dezaseis*: «*dissertação recheada de erudição facil e ALLEGAÇÕES CONHECIDAS*».

É muito atrevida a ignorancia d'este paspalho!]

16. Anthracico

O sr. Candido de Figueiredo, que não quer adoptar o participio *acceite*, apesar de eu lhe demonstrar que elle era legitimo e usado¹, teve o arrôjo de criar de sua casa o adjectivo *anthracico*, e de o propôr aos medicos.

Eu repliquei singelamente que já havia em latim o adjectivo *anthracinus*. Vem elle depois, no *Dia* de 2 de Outubro, FINGINDO QUE SABIA isso, e diz-me com admiravel desplante: «Ha, sim senhor, usou d'elle Varrão».

Mas, se o conhecia antes de lh'o eu notar, porque se não lembrou d'elle primeiro?

Ora o mais interessante é que *anthracinus* não apparece em nenhuma das obras que nos rês-tão com o nome de Varrão; apenas o grammatico Nonio Marcello lh'o attribue no seu livro *De compendiosa doctrina!*²

O sr. Figueiredo viu num dictionario latino «*anthracinus* (VARR.)», e concluiu logo, que podia basofiar de que *as obras perdidas de Varrão* lhe erão familiares...

Os leitores reconhecem porém com que

¹ Vid. supra, §. 1. — Na *Brazileira de Prazins* de Camillo C. Branco, 1882-1883, lê-se: «Verissimo.... offereceu-se-lhe para escudeiro, e foi ACCEITE com bom ordenado» (pag. 190). O sr. Figueiredo condemna tudo, sem saber nada. O resultado é tropeçar sempre.

² Ed. de L. Quicherat, pag. 641. — Eu poderia arrelhar o sr. Figueiredo, não lhe indicando a obra, pois elle devia vêr-se azul para a encontrar. Mas como o meu fim é scientifico, e não é armar ao effeito, como o d'elle, — dou-lhe todas as informações... E ainda lhe digo mais: pôde ver Nonio na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

consciencia elle falla! A sabedoria do sr. Figueiredo assemelha-se a um odre cheio de vento.

17. Desinquietao

Tinha dito o sr. Candido de Figueiredo que era possivel que *desinquietao* viesse de *tresinquietao*; eu mostrei o absurdo d'isso, e elle, em vez de se defender, justificando a sua hypothese, foge, como sempre. da questao, e diz dois dislates: um, que «eu injuriei em publico o sr. Gomes de Amorim»; outro, que o prof. Meyer não appreciou bem a minha *Revista Lusitana*.

Com relação ao primeiro ponto, o sr. Figueiredo é um calumniador, porque o opusculo que escrevi com o titulo de *O texto dos Lusitadas segundo as ideias do sr. Gomes de Amorim*, que está á venda, e que todos podem ler, não contém UMA SÓ INJURIA contra o sr. Amorim, — a não ser que se chame *injuria* a uma critica baseada em factos, cortêsmente adduzidos.

Com relação ao segundo ponto, o sr. Figueiredo é um falsario, porque elle refere-se ás palavras de Meyer, transcritas ha pouco, no §. 15 d'esta réplica, onde os leitores vêem que não ha nem sombras de censura. Se o sr. Figueiredo quer saber realmente a opinião de Meyer ácerca da minha *Revista Lusitana*, leia o que elle escreveu na *Zeitschrift für roman. Philologie*, de Gröber ¹; mas isso não lerá elle, que não sabe, nem lhe faz conta!

¹ De 1891, pag. 269-270.

O sr. Meyer faz uma análise do 1.º vol. da *Revista Lu-*

18. Registro

Queria o sr. Figueiredo que se escrevesse *registro* e não *registro*, porque a palavra, segundo elle, vinha de *res gestae*.

Eu mostrei-lhe o absurdo da etymologia, dizendo-lhe que *registro* vinha de *registro*, e que *registro* vinha de *registrum*, que está em vez de *registum*, do verbo *regero*.

O Caturra, accéitando á socapa, como de costume, *registum* (não defende o *res gestae* que propôs! isso sim!), repete que escreve *registro*, e não *registro*, porque a palavra na sua origem não tem *r*.

Eu não sei bem se isto é sophisma, se é myopia intellectual. Em fim, lá vae outra vez a explicação.

A forma portugueza antiga é *registro*, que vem por exemplo no *Diccionario* de Cardoso (sec.

sitana. Depois de ter exposto o summario, termina o artigo com estas palavras: « Man sieht, der Inhalt ist ein sehr manigfaltiger, und reicher, sodass zu wünschen ist, der erste Band möge nicht der einzige bleiben, sondern bald Fortsetzer erhalten » (isto é: — como se vê, o conteúdo é muito variado e rico, o que nos faz desejar que o 1.º vol. não fique sendo unico, mas tenha brevemente continuação).

Se tomei a liberdade de transcrever estas palavras, foi porque ellas se referem a todos os collaboradores da *Revista Lusitana*, que são muitos, e para que, como disse, se não attribua a Meyer affirmações que são uma falsidade.

xvi), em João de Barros ¹, etc.; como ésta palavra tem dois *rr*, que são difficeis de pronunciar, supprimiu-se um, como aconteceu no antigo *rostro* que deu *rosto*, no antigo *rastro* que deu *rasto*, etc., ficando *registro*. Logo, se se escreve *registro* sem *r*, não é porque este som não existe em *regestum*, mas porque a palavra sahio de *registro*.

« Ainda terá duvida o tal? Elle ha cranios tão impermeaveis! » ²

19. Nomes proprios precedidos de artigo

Dando-se ares de grande superioridade, escreveu o sr. Figueiredo pomposamente que descobrira que os nomes de terra, como *Porto*, etc., que na sua origem erão appellativos, recebião o artigo definido antes.

Repliquei-lhe que isso se sabia já ha muito tempo.

Elle concordou. Nada mais tenho, por tanto, que observar. Só me felicito... se é caso para felicitações fazer curvar a cabeça a um *gigante* de tal polpa!

20. Rubrica

Em resposta á sentença do Caturra, segundo a qual elle optava pela pronúncia *rúbrica*,

¹ *Decadas*, ed. de 1628, fls. 34-v., col. 1. — O mesmo auctor diz tambem *rostro*: fls. 36, col. 1.

² Candido de Figueiredo, *Lições praticas de linguagem*, pag. 39.

contrária á etymologia que eu lhe aponte, que exige pelo contrário *rubrica*, diz-me elle no citado n.º do *Dia*: «tenho como regra, e já a tinham os latinos, a vogal accentuada antes de duas consoantes».

Que pasmosa ignorancia! Todo o estudante de latim sabe que antes de consoante muda, seguida de liquida pertencente á mesma syllaba, não ha *posição forte*; ora sendo breve, como é, por natureza, o *u* de *rubrica*, essa posição não pôde dar-se, porque se segue *br*, isto é, muda e liquida: e então a vogal *u* fica breve!!¹

Mas o sr. Figueiredo errou ainda noutro caso, porque, dado que *u* fosse longo, como a penultima syllaba o é tambem, temos uma regra de prosodia que manda accentuar sempre a penultima syllaba, quando longa: portanto, visto que o *i* de *rubrica* em latim é longo, a pronuncia d'esta palavra em latim é RUBRÍCA, e de modo algum *rúbrica*!!

E erra mais o sr. Figueiredo asseverando que em *philosophía* e *academía* houve deslocamento do accento latino de *philosóphia* e *académia*: erra, não só porque essas duas palavras vem do grego, onde o *i* é accentuado, mas porque *academia* em latim tambem pôde ter o *i* longo e por isso pronuncia-se *academia*!!²

¹ Além d'isso o sr. Figueiredo confunde *accentuação* com *quantidade*. A regra que elle queria formular era em relação a esta, e elle formulou-a em relação áquella!! Tem o sr. Figueiredo razão para dizer mal das grammaticas. Todos rálhão d'aquillo a que não podem chegar...

² [A razão de haver em latim *academía* e *academia* está em haver tambem em grego *ᾠαδῆρῖα* e *ᾠαδῆρῖα*. Muitos dic-

Para o sr. Candido de Figueiredo a philologia é como a tunica de Nesso: logo que elle se envolve nas questões d'essa sciencia, fica queimado.

21. Alcool

O auctor concorda com ser *alcooes*, como eu escrevi, e não *alcoes*. Diz elle que no seu livro sahio por erro typographico *alcoes* em vez de *alcooes*. Acredito.

22. Origem do futuro grammatical

Em opposição a umas affirmações inscientes do sr. Candido de Figueiredo, demonstrei-lhe com sufficiente rigor scientifico que o futuro grammatical, como *indemnizará*, se fórma do infinitivo seguido do verbo *haver*, estando pois aquella palavra por *indemnizar + ha*.

O sr. Figueiredo, como de costume, responde que lhe não dei novidade, nem ensinei nada! Ora, se elle já sabia isso, porque é que no seu livro errou tão crassa e descaradamente?

Na sua resposta diz que *contentar-se em*, que eu empreguei a par de *contentando-se com* (vid. no fim da minha analyse) não é portuguez. Mas

cionarios latinos, e entre elles alguns modernos, como o *Latein-deutsches Schulwörterbuch* de Heinichen, e o *Nouveau Dictionn. latin-français* de Benoist & Gölzer, nem mesmo trazem senão *academã*, isto é, *academia*, — contra a sentença estólida do sr. Figueiredo!]

D. Francisco Manoel, nos *Apologos dialogaes* (apud Silva Tulio in *Archivo Pittor.*, in, 103) usou d'essa syntaxe! ¹

Ainda no mesmo artigo diz elle, para armar ao effeito (que é sempre o seu fim, porque sciencia não tem nenhuma), que eu, citando dois auctores desalfectos um do outro, sirvo « conjunctamente a Deus e ao diabo ». Mas que terrivel myopia intellectual a do sr. Figueiredo, que o não deixa ver que citar um livro, porque elle tem um facto bom, não implica acceitação de toda a doutrina que o mesmo encerra!

E é assim com pieguices que o sr. Figueiredo julga responder á longa serie de factos e argumentos logicos com que, a proposito d'este §., enchi mais de nove paginas contra o seu livro!

23. Repertorio

Imaginára o sr. Figueiredo que esta palavra podia vir de *reportar*, mas mandava, apesar d'isso, que se devia dizer *repertorio* e não *reportorio*.

Eu pus em relevo a incoherencia dos dois raciocinios, e ensinei ao Caturra que a palavra vinha do lat. *repertorium* (do verbo *reperio*).

¹ Silva Tullio condemna-a; mas, se ella se usa hoje, se se póde explicar, e se um classico como D. Francisco Manoel a auctoriza, que duvida posso eu ter em a adoptar? Porventura Figueiredo e Tulio valem tanto como aquelle illustre escritor?

Parece que o sr. Figueiredo se convenceu do que escrevi, pois houve por bem calar-se. Nas suas respostas nem uma só palavra me diz a proposito d'este §. Estimo que as minhas lições lhe vão aproveitando!

24. Origem do artigo «o» e do «n»
de «neste», «no», etc.

A proposito de uns dislates do nosso auctor sobre a origem das fórmulas *neste*, *dizê-lo* e analogas, dei na minha análise a demonstração, tão completa quanto o podia em acanhado espaço, da origem verdadeira d'essas fórmulas. O sr. Figueiredo está claro que não quis ficar-se sem responder, mas toda a sua resposta é um chorrilho de desconchavos.

Quando elle não entende uma demonstração clara como a que lhe dei, que entenderá então?

Eis alguns dos seus desconchavos. Diz que nas phrases populares «Nosso *Senhólos* ajude», «*buscala* filha», etc., o *r* se mudou em *l*!! (*decipit frons prima multos...*)¹; que nas phrases antiquadas *em na*, *com no*, o *n* era um refle-

¹ *Senhólos*, *buscala*, etc., até provão o que eu disse na critica, pois, directa ou indirectamente, estão por *Senhor los*, *buscar la*, etc.!! Se o *l* intervocalico pudesse mudar-se em *r* (sem ser nos casos que citei e expliquei no respectivo ponto da análise), havíamos de ter outros casos, taes como *agora*, *cara*, *para*, etc. Ora a mudança apparente só se dá onde se póde explicar pelo *l* do artigo ou do pronome!

xo (!!!) da nasal antecedente, como em hespanhol *pan y toros*, que se lê, segundo elle (!), *pã ny toros*¹, — sem se lembrar, o bom do Caturra!, que, no portuguez *em*, o *m* só tem por fim nasalar a vogal, e que o *n* do hespanhol *pan* é uma consoante real! E se houvesse reflexo de *m*, então appareceria *m* e não *n*! O homem não vê mais do que isto!

O resto do artigo é neste gôsto. Não merece discussão.

Os erros do sr. Figueiredo nesse artigo e em tôdas as suas respostas são comparaveis aos de um individuo que, inculcando-se mathematico, errasse a extracção de uma raiz quadrada ou uma divisão de quebrados; aos do que, querendo passar por jurista, ignorasse o que era a *Novissima Reforma*; ou aos de um que, desejando fazer de medico, duvidasse da realidade da circulação sanguinea!

Um tal individuo poderá ser tomado a serio?

25. Idiotismo

Limita-se o sr. Candido de Figueiredo a soltar algumas exclamações, e, com uma esperteza digna de Calino, a chamar *Anna Clotilde* ao phenomeno syntactico conhecido pelo nome de

¹ Digo *segundo elle*, porque nem o *a* hespanhol se pronuncia *â*, nem o *o* se pronuncia *ó*; alem d'isso o *n* de *pan* não fórma com o *a* a syllaba nasal *ã*, — por isso não é comparavel com o phenomeno portuguez!

O sr. Candido de Figueiredo é uma lastima em tudo!

anacoluthia!! Provavelmente o som da palavra *idiotismo* desnordeou-o!

26. Restaurante

Nada ha que observar. O sr. Figueiredo apenas me diz que « me agradece de cócoras ».

Talvez por influencias ainda do *idiotismo* do §. antecedente...

27. Verbos EM « ear » E « iar »

O sr. Figueiredo concorda comigo. Muito obrigado! tanto mais que foi neste capitulo que eu lhe mostrei que o significado do seu pseudonymo *Caturra* era « bobo » e « chocarreiro ».

28. A graphia « ou » E « oi »

Eu disse-lhe que, pelo menos no Norte do reino e nos Saloios, a fôrma *oitro* é mais popular que *outro*. Elle não nega. Antes assim.

29. Dois « nu »

Diz o meu *Caturra* que « em questão de nomes, tudo se explica, em havendo vontade, paciencia e leitores ».

Faltou-lhe tambem dizer: e em havendo sciencia, e estando longe de nós os Candidos de Figueiredo!

30. Descanso

Tinha eu dito que elle devia preferir *descanso* com *s* a *descanço* com *c*, entre outras razões, por causa da etymologia que se attribue á palavra, o lat. *quassare*.

O sr. Figueiredo diz-me que já sabia! (como de costume...), — e accrescenta logo alguns dislates: que *dança* vem do francês *danse* ou do allemão (sic) *danson*!

Já estou cansado de ouvir muitos, para que haja agora de refutar mais estes, — que de mais a mais não pertencem á questão.

31. S/E Z

Havia dito o sr. Figueiredo que o *s* só tem o valor de *z* entre vogaes; eu notei-lhe que isso não succedia sempre, pois em *obsequio*, onde vale *z*, o *s* não é intervocalico. Nada respondeu o sr. Figueiredo. — Quem cala, consente.

As dúvidas que lhe expus sobre *s* e *z*, — também nem pio!

Limita-se a alguns *dize tu, direi eu*. Deixemo-lo.

32. Uns poucos de

Apesar de lh'a eu mostrar, o sr. Figueiredo diz que não vê grammatica nesta expressão. Se elle é myope...

33. Sala

Baseado apenas na sua ignorancia, disse o sr. Figueiredo que o portuguez *sala* vinha do allemão *saal*.

Na minha anályse mostrei-lhe o absurdo de tal proposição, e ensinei-lhe, segundo os trabalhos competentes, que a origem de *sala* estava na antiga fórma germanica **sala*.

Responde-me agora o sr. Figueiredo que tanto faz uma cousa como outra! Imaginará elle que tudo quanto é germanico é allemão?

É como se dissessemôs que, pelo facto de a lingua latina ser mãe da francesa, qualquer palavra que passasse do francès para outra lingua era de origem latina!

No mesmo §. traz elle curiosas cousas sobre *fallar*. Merece a pena fazer por um pouco a anályse do estado mental d'este cavalheiro.

Tendo dito o sr. Candido de Figueiredo que os que escrevião *fallar* com dois *ll* não sabião porquê, respondi-lhe que isso era devido a *fallar* provir do lat. *fabulare*, através de **fab'la re*, por assimilação do *b* ao *l*. Vem elle agora, e responde-me com varios dislates, que passo a corrigir.

1) Escreve o sr. Figueiredo: «a assimilação, filologicamente considerada, consiste em transformar-se uma *consoante*, por eufonia, na consoante *que a segue*»¹.

¹ O grypho é seu. Pôs em grypho, para assignalar melhor as parvoçadas...

Este dislate é complexo.

Em primeiro lugar, a *assimilação* não se dá só para deante, dá-se também para trás, d'onde a divisão em *assimilação progressiva* e *assimilação regressiva*, divisão que o sr. Figueiredo devia conhecer, se elle ao menos soubesse a technica da sciencia em que se metteu a falar.

Em segundo lugar, a *assimilação* não se dá só nas *consoantes*, dá-se também nas *vogaes*, d'onde outra divisão em *assimilação consonantica* e *assimilação vocalica*, podendo, alem d'isso, uma vogal assimilar uma consoante, e vice-versa.

Em terceiro lugar, qualquer d'ellas póde ser *completa* ou *incompleta*.

Em quarto lugar, o som assimilante póde não estar a seguir ao assimilado.

Vêem os leitores a força do saber do meu adversario? Nem a nomenclatura conhece!

2) Continúa elle: «admittindo que *fabulari* seja a origem de *falar*, é certo que o *l* não segue o *b*: ha de perneio um *u*, que o sr. Leite faz graciosamente cahir».

Ora para que será que o sr. Figueiredo, que em português é tão pobrezinho, se engolfa nas agruras do latim? Se elle soubesse alguma coisa do latim vulgar, QUE É A ORIGEM DAS LINGUAS ROMANICAS, saberia que a fôrma **fab'lare* se justifica plenamente: veja por ex. o livro do meu amigo dr. Hugo Schuchardt (professor na Universidade de Graz, e um dos mais notaveis linguistas da actualidade, a quem a nossa lingua deve numerosos e importantes trabalhos), *Der Vokalismus des Vulgärlateins*, vol. II, Leip-

zig 1867, pag. 403 sqq., que lá encontrará numerosos exemplos da *graciosa queda* do *u* entre *l* e *b* ou entre *l* e outra consoante, como: *stablario* por *stabulario*, *tablario* por *tabulario*, *tablari* por *tabulari*, *caplatores* por *capulatores*, — e em esdruxulos, com *fibla* por *fibula*, *tribla* por *tribula*, etc. etc.

Convenceu-se de que a queda não é tão *graciosa* como suppõe?

Mas era escusado recorrer áquelles exemplos, bastava notar que em hespanhol archaico se diz *fablar*, d'onde o moderno *hablar*, pois que ao *f* inicial de origem popular antiga corresponde em hespanhol moderno a consoante *h*, por ex. *hijo* de *filius*, *hoja* de *folia*, *hierro* de *ferum*, *haz* de *facies*, etc.

Por tanto eu dizia bem, dizendo **fab'la-re*, e o sr. Figueiredo errou, como de costume.

3) Prosegue o meu Caturra: «não podia dar-se a assimilação de *b* por *l*, porque o *b* jamais se transmudou em *l*, . . . nunca houve filologo, — ia jural-o —, que descobrisse assimilação de *b* por *l*».

É outro dislate complexo.

Em primeiro logar, qualquer consoante se póde mudar, por assimilação, noutra: por ex. em lat. *accedere* = *ad* + *cedere*, *affigere* = *ad* + *figere*, *opponere* = *ob* + *ponere*, *illuminare* = *in* + *luminare*, etc.!!

Em segundo logar, ha um philologo, de quem o sr. Figueiredo parece ter noticia, o qual diz positivamente a proposito de outros exemplos: «il y a dans ce cas une assimilation de *bl* en

ll, l, cfr. ital. *solievo*, esp. *solevar*»¹; — d'onde se vê que o sr. Figueiredo, se, como diz, fosse a jurar, jurava falso!!

4) Como eu disse que *taleira* (orthographia usual) ou *talleira* (orthographia que eu proponho) vinha, quanto a mim, de **tab'laría*, fôrma, que, como vimos ha pouco, se justifica por varios exemplos latinos, diz o sr. Candido de Figueiredo: «a fonte *tabularia* não é tão segura, que doutos etymologistas não tirem *taleira* de *talaria*».

Vê-se que o sr. Figueiredo nunca julga por si, mas pelos outros. Se eu lhe dou argumentos, refute-m'os directamente!

Mas, mal de mim, se, ao propôr o etymo **tablaría*, eu não soubesse que se havia já proposto *talaria*! Se não refutei este, foi para não complicar a questão. Refuto-o porém agora.

Como o *l* latino intervocalico cae normalmente em portugûês, por ex., *má* (ant. *maa*), do l. *mala*, *córado* (= *coorado*), do l. *coloratus*, *quenda* (ant. *caenda*), do l. *calenda*, *aquecer* (ant. *acaecer*), do l. *calescere*, etc.², segue-se que *talaria*, se tivesse existido cá, teria perdido tambem o *l*, e dado *taeira* e *teira*, — e nunca *taleira*, que, nesta hypothese, é um absurdo phonetico!

Em resumo: a orthographia de *fallar* é com

¹ Meyer, *Gram. des lang. rom.*, 1, 440.

² Cfr. a minha *Anályse*, §. 24, onde dou outros exemplos.

ll, porque a palavra vem de *fabulare (*fab'lare) = *fabulari*, — como deve succeder a *talleira*, do l. *tabularia* (**tablaria*).

34. Santareno e Bonissimo

Continúa o sr. Figueiredo a affirmar que *santareno* vem de *Santa-Irene* ¹.

Agora pergunto eu: porque é que em *Santarem* o *n* de *Sanct'Irene* desapareceu, nasalando o *e*, e em *santareno* se manteve? Por causa d'esta difficuldade, é que eu disse que em *santareno* me parecia haver o mesmo suffixo *-eno* que ha em *madrileno*, *chileno*, etc.

Percebe agora o meu querido e impagavel Caturra?

Nas *Lições praticas de linguagem*, pag. 269, diz elle: *bonissimo* fórma-se de *bom*. — Na minha anályse retorqui-lhe: «é erro dizer-se que vem de *bom*; para se formar este superlativo, recorreu-se ao radical latino de *bonus*». Depois, o sr. Figueiredo, n-*O Dia* de 17 de Outubro de 1891, responde-me:

«*bonissimo*.... fórma-se da radical de *bonus*».

Mas isto é a minha correcção, que o sr. Figueiredo, com incrível sangue-frio e má fé, acceita á socapa!!! Mas isto é o contrario do que elle diz nas *Lições praticas*, pag. 269!!!

¹ O sr. Figueiredo nas *Lições*, pag. 269, tinha *Santarem*. Eu é que lhe indiquei a fórma *Sant'Irene*, que elle agora aproveita á sorrelfa...

35. Fallar a verdade

Para demonstrar a vernaculidade d'esta phrase, citei Gil Vicente, e o uso do povo. Na sua resposta diz o sr. C. de F., sem aliás me refutar, que eu citei « simplesmente, á mingua de coisa melhor, um anónimo illustre, o povo do Minho ». E o Gil Vicente?

Que lealdade a d'este cavalheiro !

Aqui está outro exemplo de um bom auctor : « O Zeferino, A FALLAR A VERDADE, tem razão » ¹.

36. Requerer

O sr. Figueiredo disse nas *Lições practicas* : « *requerer* conjuga-se como *querer* ».

¹ Camillo Castello Branco, *Brazileira de Prazins*, pag. 308. Camillo põe esta phrase num dialogo popular.

[O sr. Figueiredo, neste ponto, labora tambem num equivoco, porque uma cousa são as phrases, por ex. : « F. fallou verdade », « fallar verdade a mentir », etc., e outra cousa é a phrase usadissima « a fallar a verdade... » Esta ultima é que é o ponto da discussão. Quem disser neste sentido « a fallar verdade », como o sr. Figueiredo manda, desnatura a lingua. A phrase vernacula é : « a fallar A VERDADE », além d'isso auctorisada pelos escritores que citei. Porém tambem se pôde dizer noutro sentido « F. fallou a verdade », do mesmo modo que ninguem repelle, creio eu, « F. disse a verdade ». Num auctor do sec. passado, Couto Guerreiro, *Adagios* (mss.), cent. iv, n.º 27, leio :

Porém elles não *fallam a verdade*.

E em Antonio Vieira : « São os livros uns mestres mudos que ensinão sem fastio, *fallão a verdade* sem respeito »].

Eu mostrei o absurdo, pois se diz *quero* e *requero*. Elle não respondeu! Pudéra!

37. Cristal e teor

Tinha dito o sr. Figueiredo que *teor* e *crystal* se escrevião sem *hh*, porque não tinham nada que vêr com *theoria* nem com *Christo*. Eu retorqui que taes razões não servião, pois podião essas palavras ter *hh* por outros motivos, e que era melhor notar que *teor* e *crystal* se escrevião sem *hh* porque reflectem o latim *tenorem* e *crystallum*.

Na sua resposta, sustenta o sr. Figueiredo que não dissera que *crystal* se escrevia sem *h* por nada ter com *Christo*, — e remette o leitor para a pag. 43 do seu livro; mas eu a pag. 31 leio: «a palavra *Christo*, em que a etymologia ordena a inclusão de um *h*, não tem nada de commum com *crystal*».

Sobre ignorante, falta á verdade, pois diz que escreveu uma coisa, quando elle tem escrito outra!! — o que é improprio de pessoa que se préze.

Ácerca de *teor* e *theoria*, as proprias transcrições que elle faz na resposta justificão a minha critica. Por isso deixo-o.

Termina o sr. Figueiredo as suas respostas, declarando que eu sou um ignorante, o que

3.º ensinamento:

Na 2.ª ed., pag. 53, ha uma nota que não está na 1.ª ed. Esta nota foi devida ao que eu disse no §. 7 da minha anályse. Mas o A. erra ainda, porque confunde *grammatica* com *estylo*!

4.º ensinamento:

Na 1.ª ed. das *Lições* lê-se sobre *trazer á baila*: « não é o que se deve dizer, e ainda menos o que se *deve* escrever » ¹.

Na minha anályse, §. 9, mostrei philologicamente que *trazer á baila* é português, equivalente de *trazer á balha*, e expliquei *baila* e *balha*.

Na 2.ª ed. das *Lições* o sr. Figueiredo emenda: « não é, CREIO EU, o que se deve dizer, e muito menos o que se DEVERÁ escrever » ².

Pôs por tanto em duvida o que primeiro tinha dado como certo.

Além d'isso accrescenta uma nota sobre *balha*, a qual não vinha na 1.ª edição. Esta nota, ainda assim, contém erros, como se pôde vêr confrontando-a com o §. 9 da minha réplica.

5.º ensinamento:

A pag. 76 da 2.ª ed., em virtude das minhas observações (no 10.º §.), pôs uma nota que não vem na 1.ª ed.

6.º ensinamento:

Na 1.ª ed. das *Lições* lê-se: « *excepto* foi sem-

¹ Pag. 79.

² Pag. 71.

pre, e é ainda, um *adverbio*»; e mais abaixo chama *erro* a *exceptos* ¹.

Na minha análise, 12.º §., disse-lhe eu que *excepto* não era *adverbio* naquelle caso, mas *preposição*; e disse-lhe que *Bernardes* o empregára como *participio*, e que portanto não era *erro*.

Na 2.ª ed. das *Lições* emendou-se assim o primeiro dizer: «*excepto*, PARA QUASI TODOS OS ESCRIPTORES, foi sempre e é ainda PREPOSIÇÃO» ²; e emendou-se *erro* em CASO, e accrescentou-se no indice: «*excepto*, PARTICIPIO!!» ³

Os leitores vêem claramente como elle vae aproveitando...

Na 1.ª ed. tinha dito o sr. Figueiredo que em «*salvo* honrosas excepções», *salvo* era *adverbio*; na 2.ª ed. emendou também, por tabela, *adverbio* em PREPOSIÇÃO.

7.º ensinamento:

Em virtude do §. 13 da minha análise, accrescentou na 2.ª ed., pag. 108, umas linhas, que não vem na 1.ª ed. das *Lições*.

8.º ensinamento:

Ácerca do *dezaseis* lê-se na 1.ª ed. das *Lições* «é pronuncia incorrecta» ⁴.

Na minha análise, §. 15, mostrei que *dezaseis* se justifica.

¹ Pag. 103.

² Pag. 90.

³ Pag. 318.

⁴ Pag. 127.

Na 2.^a ed. das *Lições*, lê-se numa nota : « o que não impede que ALGUNS NOVISSIMOS GRAMMATICOS PREFIRAM DEZASEIS, DEZASETE, etc. » ¹

Para de algum modo tentar attenuar o êrro da primeira sentença, recorreu ao expediente dos NOVISSIMOS GRAMMATICOS; mas é evidente que se sentiu corrido.

9.^o ensinamento :

Na 1.^a ed. das *Lições* escreveu ácerca de *registro* : « A origem é *res gestae* » ².

No 18.^o §. da anályse demonstrei que a origem remota era *registus*, do verbo *regero*, e a origem immediata o latim medieval *registrum*.

Na 2.^a ed. das *Lições* corrige-se d'este modo a primeira afirmação : « A origem é *res gestae*, OU REGESTUS » ³.

O sr. Figueiredo, na 2.^a ed., accrescentou mais meia pagina, em que se refere á fôrma medieval *registrum* que eu na minha anályse lhe tinha indicado, e de que elle na 1.^a ed. não falla.

Por isso aproveitou duas vezes comigo !

10.^o ensinamento :

Na 1.^a ed. das *Lições* tinha elle um capitulo a pag. 150-151, em que voltava a fallar de *acceite* (de que já tinha fallado a pag. 23), chamando-lhe *dislate desmascarado*.

¹ Pag. 109-110.

² Pag. 146.

³ Pag. 125.

Na minha análise, §. 1, e na réplica, também §. 1, mostrei que *acceite*, como participio, era português.

Que fez elle na 2.^a edição? Supprimiu o capitulo todo, deixando só estar o que tinha a pag. 23, da 1.^a ed., pois ali insiste menos, e refere-se também ao substantivo *acceite*! Não me póde allegar que o supprimiu para evitar repetições, pois muitos artigos são repetidos, como *reclame*, *em antes*, *sacristão*, *desapercebido*, etc. Elle supprimiu-o, por causa das minhas advertencias!

11.^o ensinamento :

Na 2.^a ed. das *Lições*, pag. 127, pôs uma nota que não vem a pag. 147 da 1.^a edição.

Esta nota foi devida ás reflexões da minha análise, 19.^o §.

12.^o ensinamento :

Na 1.^a ed. das *Lições*, pag. 152 e 157, ha dois capitulos sobre *rubrica*: um, em que o sr. Candido de Figueiredo se não decide sobre a pronuncia d'essa palavra; outro, em que diz « opto pela *rúbrica* ».

Na minha análise demonstrei que a pronuncia é *rubrica*, com accento no *i*, e não *rúbrica*.

Na 2.^a ed., que lhes parece que fez elle? Supprimiu também o segundo capitulo!

13.^o ensinamento :

Na 1.^a ed. das *Lições*, disse o sr. Figueiredo ácerca de *repertorio*: « talvez a palavra possa

derivar-se de *reportar*, mas o seguro é dizer *repertorio* » ¹.

No §. 23 da anályse mostrei que *repertorio* não vem de *reportar*, mas do latim *repertorium* (do verbo *reperio*).

Na 2.^a ed. das *Lições* lê-se, como attenuante da primeira afirmação: « talvez a palavra possa derivar-se de *reportar*, mas o seguro é dizer *repertorio*, CUJA FONTE É CLARA E SABIDA » ².

A *fonte clara e sabida* é o *repertorium* que eu lhe indiquei! Mas que fez elle então de *reportar*? Ficamos ignorando « quem é o pae da creança... »

14.º ensinamento :

A pag. 206 da 1.^a ed. das *Lições*, fez de *democrata* um adjectivo, e escreveu « pronúncia mais *democrata* ».

No §. 28 da minha anályse disse eu: « queria talvez dizer *democratica*! »

Na ed. 2.^a das *Lições*, pag. 177, emendou: « pronúncia mais DEMOCRATICA ».

O sr. Figueiredo não está bem certo na lingua em que se metteu a dar lições: assim, em vez de *um apostropho*, na 1.^a ed. das *Lições* tinha escrito *apostrofe*, com *e*, dando-lhe o artigo feminino. Por ex. a pag. 164, pag. 54 (duas vezes), pag. 200 (duas vezes).— Esta insistencia, e a repetição do artigo, próvão que não era êrro typographico, mas êrro do auctor, que confundia o signal orthographico *apostro-*

¹ Pag. 199.

² Pag. 171.

pho com a *apostrophe rhetorica*! Na 2.^a ed. emendou.

Isto, e o mais, é no português; e se elle vae para outras linguas? Já vimos no latim e no hespanhol ¹. Vejamos agora no francês.

A pag. 86 da 1.^a ed. das *Lições*, julga que *guarda-sol* se diz em francês *pare soleil*, e ainda em cima dá-lhe por plural *pare-soleils*!! O dislate repete-se na 2.^a ed. a pag. 76!! — O homem não sabe que em francês é *parasol*, palavra tirada do italiano *parasole*!

15.º *ensinamento* :

Na 1.^a ed. das *Lições* tinha: « Escreve-se *descanço* e *descanso*. Prefiro aquelle » ².

Na análise mostrei-lhe que não havia motivo para preferir *descanço* com *ç* ³.

Na 2.^a edição das *Lições*, pag. 207, convencido do que eu lhe disse, supprimiu a phrase: « Prefiro aquelle ».

16.º *ensinamento* :

Tinha elle na 1.^a ed. das *Lições*, pag. 269, que *bonissimo* e *santareno* « se formam » de *bom* e *Santarem*.

No §. 34 da minha análise sustentei que isso era absurdo.

Na 2.^a ed., pag. 234, substituiu *formão-se* por *derivam-se*. — Mas o erro é o mesmo! Todavía a

¹ Cfr. supra, §§. 5, 20, 24, etc.

² Pag. 238.

³ §. 30.

emenda mostra que reconheceu, pelo menos em parte, a verdade no que eu lhe disse.

17.º ensinamento :

Na 1.ª ed. das *Lições* tinha: «*requerer* conjuga-se como *querer*» ¹.

Na minha análise disse eu: «Mas como é que *requerer* se conjuga por *querer*, se se diz eu *quero* e eu *requieiro*, eu *quís* e eu *requeri*?»

Na 2.ª ed. substituí aquella sua phrase por est'outra: «*requerer* TEM GRANDE PARENTESCO com *querer*» ².

Esta emenda mostra que as minhas palavras lhe servirão de correcção proveitosa.

18.º ensinamento :

Na 1.ª ed. das *Lições*, pag. 27, tinha, ácerca de «ruas *meias* limpas», estabelecido que «quem assim diz, diz mal».

Na minha análise e na replica, §. 3, mostrei que *meias* era classico.

Na 2.ª ed. das *Lições* lê-se: «quem assim diz, diz mal, EMBORA, CONTRA ESSA AFFIRMATIVA, SE POSSAM CITAR EXEMPLOS INSULADOS DE UM OU OUTRO ESCRITOR DE FAMA» ³.

Então os escriptores de fama dirão mal?

Os leitores estarão de certo já mais que convencidos de como o sr. Figueiredo mete constantemente os pés pelas mãos.

¹ Pag. 284.

² Pag. 250.

³ Pag. 31.

19.º ensinamento:

Na sua réplica tinha elle dado Theil como auctor do *Grande Diccionario* (latino), — isto para me rebater.

Na minha resposta, §. 5, disse-lhe que o *Grande Diccionario* era de Freund, e que o de Theil era outro diverso.

Na 2.ª ed. das *Lições*, pag. 299, diz já, para fingir que sabia: «veja se pôde sobraçar o *Grande Diccionario* de Freund!»!

20.º ensinamento:

Na 1.ª ed. das *Lições*, pag. 41, dizendo que os etymologistas rigorosos devião escrever *adheus* com *h*, tem a seguinte phrase: «Afoga-me o *prancto*. ADHEUS. Lê, como poderes».

Na minha anályse ¹, mostrei que *adeus* não tem *h* na origem, e que por tanto é absurdo escrever *adheus*.

Na 2.ª ed. das *Lições*, pag. 43, lê-se sómente: «Afoga-me o *prancto*. Lê, como puderes» — tendo-se supprimido o ADHEUS!

21.º ensinamento:

Na 1.ª edição as emendas que o sr. Figueiredo fizera aos êrros que achára nos jornaes, ou ás consultas que lhe dirigirão, vñhão desacompanhadas de exemplos classicos, por causa de «manter no livro a fôrma ligeira, desprezenciosa e concisa das suas *cartas* ao *Portuguez*» ².

¹ §. 4, e outra vez n-O *Dia* de 27-viii-91 (vid. supra, §. 4).

² Pag. 6.

Em toda a minha anályse clamei contra o facto de o sr. Figueiredo não acompanhar de exemplos classicos e demonstrações as suas affirmativas.

Na 2.^a edição vem já exemplos, e algumas pseudo-demonstrações, que ficão discutidas.

Mas como são os exemplos? O sr. Figueiredo cita uma phrase e põe entre parenthesis: *Vieira, Latino Coelho, Castilho, Silveira da Motta*, etc., sem indicar o livro, nem a edição, nem a pagina, — de maneira que tanto valem essas citações como nada, porque ninguem pôde verificar se o sr. Figueiredo interpretou bem o sentido do auctor classico, se se não enganou na transcrição, — e mais alguma coisa, attenta a sua provada boa fé... — É modo commodo de fugir a responsabilidades!

Nestas citações ha porém ainda, umas vezes má fé, outras vezes ignorancia.

Assim, por exemplo, condemnando *amiudo* por *amiude*, cita exemplos (e só dois!) d'esta ultima fórma, mas não cita os que lhe dei da primeira, que é tão classica como a outra! Dizendo que «*salvas* honrosas excepções» é erro, cita um exemplo de *salvo*, mas não cita os exemplos que ha de *salvo* variavel, pois tão bom português é «*salvo* honrosas excepções», como «*salvas* honrosas excepções»! ¹ Condemnando, a pag. 22, *em quanto a* por *quanto a*, cita um texto de Camillo com esta ultima fórma, mas esquece aquelles textos em que o mesmo Camil-

¹ *Salvo* está no mesmo caso que *excepto* (vid. supra 12.º §.), pois na origem é um participio (*salvo* por *salvado*, de *salvar*)!!

lo tem a primeira ¹. Estatuindo, a pag. 120, que deve ser *promette conversar*, e não *promette de conversar*, cita um texto de Castilho, mas omitta aquelles em que, por exemplo, Barros tem *promette del* ² — De modo que os leitores ficão com uma noção errada, pois se lhe dá como mau o que é oiro de lei! E muitissimos mais casos eu poderia ainda citar, o que farei noutro logar e occasião.

O sr. Figueiredo, entremeando de textos classicos e explicações grammaticaes as continuadas facecias do seu livro, falta ao seu fim, que era só ser ameno, — e torna o livro um completo mistiforio. Se ao menos a parte que podia ser séria, fosse exacta, bom era. Mas nem como Horacio podemos dizer: *utile dulci*. Devemos pelo contrario exclamar com Cicero: *o delirationem incredibilem!*

Limito a isto as minhas observações ácerca das citações classicas, pois eu, se quisesse alongar-me mais, teria ainda de discutir a auctoridade de alguns dos escritores que o sr. Figueiredo nos dá como classicos. Cabia-me tan-

¹ [Assim diz Camillo: « Em quanto a dinheiro, Alfonso, tu dirás o que queres, que pronto está ». (*Amor de salvação*, 3.^a ed., 1887, pag. 95.

Os conhecimentos do sr. Figueiredo, alem de erroneos, são fragmentados, e por isso é preciso duvidar de tudo quanto diz].

² [Por ex. diz João de Barros: « elle Diogo d'Azãbuja, em nome del Rey seu senhor lhe PROMETTEU dali em diante DE o aver por amigo nesta fé de Christo que professava, e DE o ajudar ». *Asia*, ed. 1628, fls. 37, col. 2.

O Figueiredo quer fingir que sabe tudo, mas a verdade é que não sabe nada!]

to mais o direito de fazer essa discussão, quanto é certo que o meu Caturra me accusou, em certo ponto das suas respostas, de que eu tinha pobreza de classicos, quando eu lhe havia a esse tempo citado bastantes, e todos de excellente nota!

Claro está que estimei que o sr. Candido de Figueiredo aproveitasse com a lição que lhe dei, e que corrigisse nesse sentido a 2.^a ed. do seu livro; só estranhei o descaro que teve de dizer a pag. 15 que não devia á critica nacional ENSINAMENTOS OU CORRECÇÕES PROVEITOSAS.

Confessasse que devia, porque effectivamente os deve; ou então calasse-se: em qualquer dos casos eu não lhe viria á mão. Mas, aproveitar mais de VINTE VEZES, os «meus ensinamentos e correcções», como os leitores virão, — encobrir esse facto no decurso da 2.^a edição, ora citando a minha emenda com um insidioso *ou*, posto adeante do erro primitivo, para que parecesse que elle já sabia, mas que tinha também uma hypothese a par (!), ora acrescentando uma nota ou supprimindo palavras e capitulos, — e ainda por cima de tudo gritar de poleiro que não devia nada a ninguém: é realmente, — os leitores hão de concordar comigo, — suprema vaidade e cynismo!

Sou chegado ao fim do meu trabalho. O sr. Candido de Figueiredo póde agora escrever

quantas trélicas quizer á minha réplica, que eu o asseguro de que não só não tenho tenção de lhe responder, mas nem mesmo de as lèr, porque quanto eu disse contra os escritos do sr. Candido de Figueiredo foi baseado em factos, — e contra factos não ha argumentos. Põnho pois, pelo meu lado, ponto final na questão.

Direi só ainda duas palavras.

Tanto da analyse primitiva que fiz da 1.^a edição das *Lições práticas de linguagem*, como dos reparos que acabo de juntar a respeito da 2.^a edição, e das reflexões que a resposta do sr. Figueiredo me suggeriu, conclue-se o seguinte :

1.^o) Que o sr. Candido de Figueiredo não possui conhecimentos theoricos absolutamente nenhuns, nem sobre linguagem em geral ¹, nem sobre a linguagem portugueza em particular ²;

2.^o) que os seus conhecimentos práticos d'esta ultima são muito esfarrapados ³, contradictorios ⁴ e de puro litteratismo, na accepção

¹ Vid. os §§. 1, 5, 7, 10, 13, 20, 22, 24, 25, 27, 29, 32, 33, 34, etc., da análise e d-*O gralho*.

² Vid. os §§. 1, 2, 3, 4, 8, 11, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 30, 33, 34 da análise e d-*O gralho*.

³ Vid. os §§. 2, 3, 6, 8, 9, 12, 14, 15, 19, 27, 28, 35 da análise e d-*O gralho*.

⁴ Vid. os §§. 23, 24, 31, 33, 34, 36 da análise e d-*O gralho*.

futil da palavra ¹, — a ponto de o auctor não poder julgar com segurança á cêrca da vernaculidade de qualquer expressão, e de se tornar o livro *Lições práticas da lingua portuguesa* uma verdadeira peste nas mãos de quem, desejando instruir-se, pegar nelle para estudo ²;

3.º) que ao mesmo auctor falta o necessario decôro e compostura de estylo, para tratar uma questão scientifica ou litteraria ³;

4.º) finalmente, que elle faz a cada passo perigar o seu proprio character, pois cita livros, que não lê ⁴, attribue por dolo a certos auctores opiniões que elles não professão ⁵, dá como d'elle, mascarando-as, observações que lhe foram suggeridas por outrem ⁶, e menciona, em discussão aberta, só os argumentos que lhe convém, sonegando os outros ⁷.

Um escritor d'estes não merece attenções, só pôde provocar desprezo. É verdade que elle acoberta-se com o cryptonymo de *Caturra*, e a

¹ Porque se limita á leitura superficial, sem critica, de um ou outro escritor (ás vezes de pouco alcance), de quem colhe doutrina que digere mal.

² Pois dá o bom como mau e o mau como bom. Vid. *passim* a análise e a réplica.

³ Vid. *passim* toda a sua resposta (*Tosquia de um grammático*).

⁴ Vid. os §§. 5, 7, 15 e 16 d-*O gralho depennado*.

⁵ Vid. os §§. 10, 15 e 17 d-*O gralho*.

⁶ Vid. os 21 numeros que acima especializei.

⁷ Vid. por ex. o que eu disse a cima, pag. 64 e 65.

palavra CATURRA, como mostrei no §. 27 da minha crítica, significa «BOBO» E «CHOCARREIRO». Por tanto, julgou-se de antemão a si mesmo. *Meritò jaces!*

Lisboa, 6 de Novembro de 1891.

Nota adicional

Os artigos que publiquei no *Dia* a proposito do sr. Candido de Figueiredo dividem-se em duas series: a Análise das *Lições práticas*, e a Réplica á resposta que a essa análise deu no mesmo jornal o sr. Figueiredo.

Da primeira serie fez-se uma edição á parte, com o titulo de *As «Lições de linguagem» do sr. Candido de Figueiredo*, Lisboa 1891 (1 vol. de 60 pag.), de pequena tiragem, e que não foi posta á venda ¹.

Da segunda serie faz-se igualmente, com algumas modificações, nova edição, que constitue este volume, e será exposta ao publico, em grande tiragem ².

Como o gralho da fabula, o sr. Figueiredo enfeitou-se com pennas de pavão, e veio para as praças públicas ostentar a sua filaucia e a sua

¹ [Publicou-se d'esta Analyse segunda edição augmentada de prologo, notas e indice. — Porto 1893, Magalhães & Moniz, editores].

² [A primeira redacção teve, em opusculo, o simples titulo de *Replika*; foi refundida em segunda edição, com o titulo de *O gralho depennado*, Lisboa 1891].

supina ignorancia em assumptos de philologia; mas, pois que nem todos os leitores têm os olhos vendados, facil me foi derribá-lo do seu poleiro, e arrancar-lhe por meudo a doirada plumagem de que se vestira para arriscadamente passar por sabio!

A resposta do sr. Figueiredo foi tambem re-produzida em folheto, a que, parodiando pretenciosamente Castilho, deu por titulo *Tosquia de um grammatico*. Para nem no folheto deixar de ser desleal, o sr. Figueiredo supprimiou os pontos do primeiro artigo da resposta que me deu n-*O Dia*, onde, tendo vindo com pés de lã, a vêr se eu o não tosava, se me refere com algumas palavras corteses e amaveis, e substituiu éstas, umas vezes por expressões exactamente oppostas ¹, outras vezes por grosserias ². Os que quizerem convencer-se d'isto, podem ler as pag. 9-11 da *Tosquia* e confrontá-las com o que elle escreveu n-*O Dia* de 15 de Agosto d'este anno ³.

Vejão os leitores se o sr. Candido de Figueiredo não é realmente um trapalhão!

¹ Por exemplo:

N-*O Dia*, de 15 d'Agosto, diz elle a meu respeito: «Devo, porém, confessar que pouco aprendi, d'esta feita, com a esclarecida critica do nosso talentoso amigo».

A pag. 10 da *Tosquia*, arrependendo-se, e achando de mais o *esclarecida*, o *talentoso* e o *amigo*, escreveu: «Devo, porém, confessar, que NADA aprendi, d'esta feita, com a *critica de Vasconcellos (Leite)*».

O resto é n'este gôsto!

² Vid. *passim* o mesmo folheto.

³ [Para mais clareza, transcrevo adeante, no Appendice 2.º, os respectivos trechos].

P. S. Ao rever as últimas provas d'este opusculo, hoje 5 de Dezembro de 1891, constou-me que o sr. Candido de Figueiredo começara a publicar n-*O Dia* uma tréplica aos meus artigos, patuscamente intitulada *Golpe de misericordia*. Fallo por fé, pois eu, como prometti a cima, não li, nem a lerei. E constou-me tambem que éssa treplica vem, segundo o costume, em tom galhofeiro e farfante.

Ora, de duas uma: ou o sr. Candido de Figueiredo não possui por inteiro aquella *mens sana* de que fallava a antiguidade classica, pois não comprehendeu a lealdade scientifica dos meus artigos, e, suppondo que todos somos iguaes, cuida que m'os póde refutar com uma simples pennada; ou então viu-se de tal maneira vergastado na sua ignorancia philologica, má fé litteraria e charlatanice, que, não tendo para onde appellar, mas, não lhe consentindo a sua filancia dar-se por vencido, foge covardemente para o campo da troça, a fim de tentar de algum modo attenuar com pilherias, graças e farfalhices os effeitos, para elle desfavoraveis, que no espirito dos leitores, pelo menos

no dos leitores sensatos, produziria a minha argumentação, sempre baseada em factos, e exposta com serenidade e convicção íntima.

Em qualquer dos casos, o sr. Candido de Figueiredo, espirra-canivetes como é, parece-se com as cobras: a gente bate-lhes em todos os sentidos, e ellas dóbrão-se, soerguem-se, tornão a rojar-se, enroscão-se, — cahindo a final, exaustas, na propria baba em que se espojão.

Apesar de cheias de erros, as obras do sr. Figueiredo (*Lições e Tosquia*) merecêrão a alguns jornaes elogios inconscientes e frivolos; mas nem todos os jornaes os tecêrão: assim, por exemplo, na *Aurora do Tamega* (30-vii-91) publicou o sr. Joaquim de Castro Lopo um bom artigo contra as *Lições práticas*. Digo isto por honra da imprensa ¹.

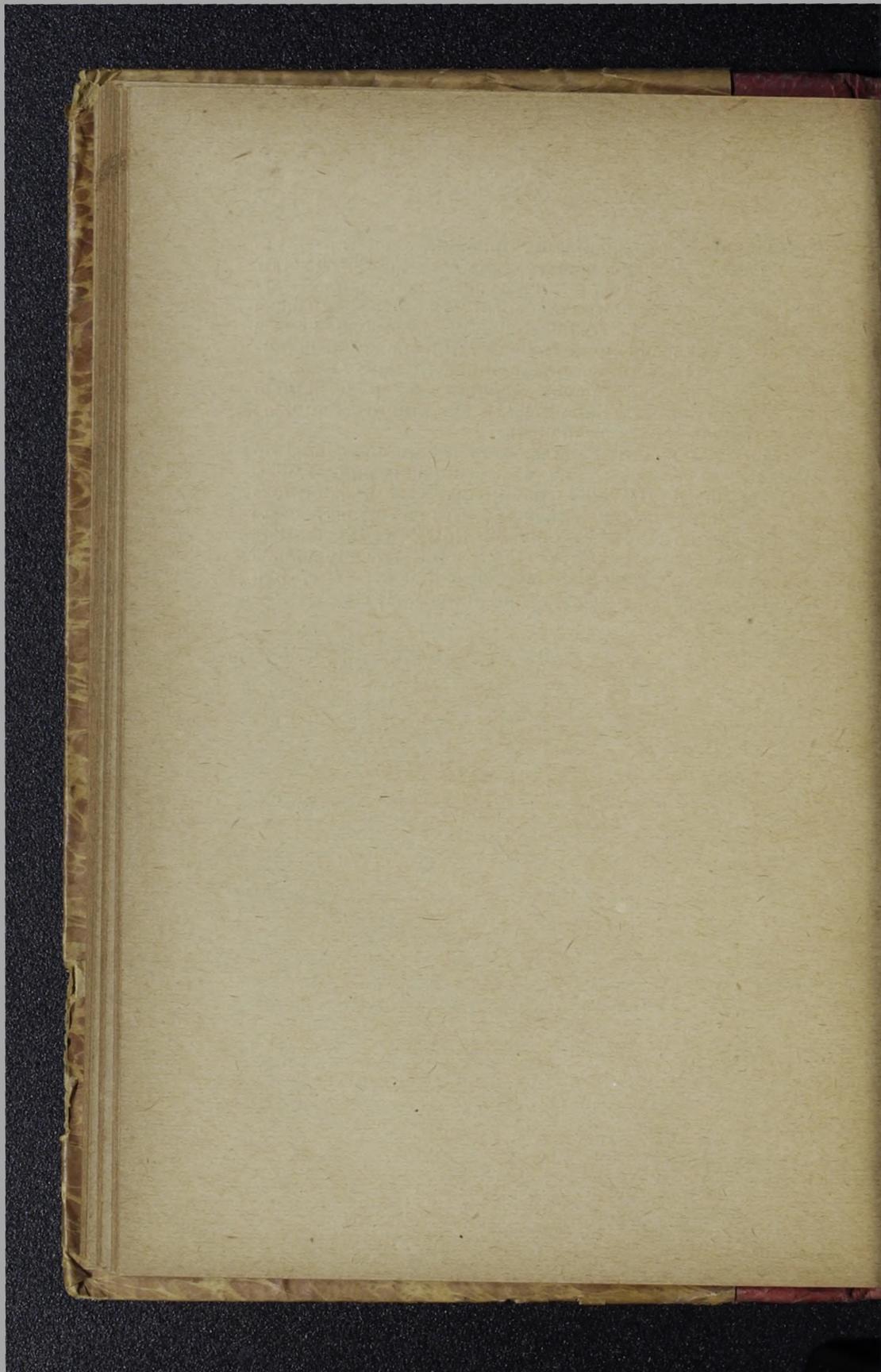
¹ [A livraria Ferreira de Lisboa, por occasião de annunciar as *Novas Lições práticas*, de que fallo adeante, publicou um folheto de 24 pag., Lisboa 1893, em que transcreve muitos trechos de jornaes portuguezes que elogiãrão as primeiras *Lições* do sr. Figueiredo. É porém notavel que o auctor do folheto só dêsse a lume os trechos elogiativos, e omittisse os trechos de censura; e digo que é notavel, não só porque a lealdade litteraria pedia isso, mas tambem porque eu mostrei até á saciedade, na *Análise das «Lições de linguagem»* e n-*O galho depennado*, que o livro do sr. Figueiredo contém muitos erros de doutrina e de factos!!

Toda a gente sabe que o que a imprensa periodica, com raras excepções, diz dos livros recebidos são meros

comprimentos, principalmente quando, como no nosso caso, se trata de um compadre, pois o sr. Figueiredo, por mal dos nossos prelos, é também jornalista. Os meus artigos porém não erão de compadrio, erão análises. Quaes devia pois a livraria Ferreira citar de preferencia: essas análises ou as locaes de periodicos? A mesma livraria deixou nas sombras também o artigo do sr. Castro Lopo.

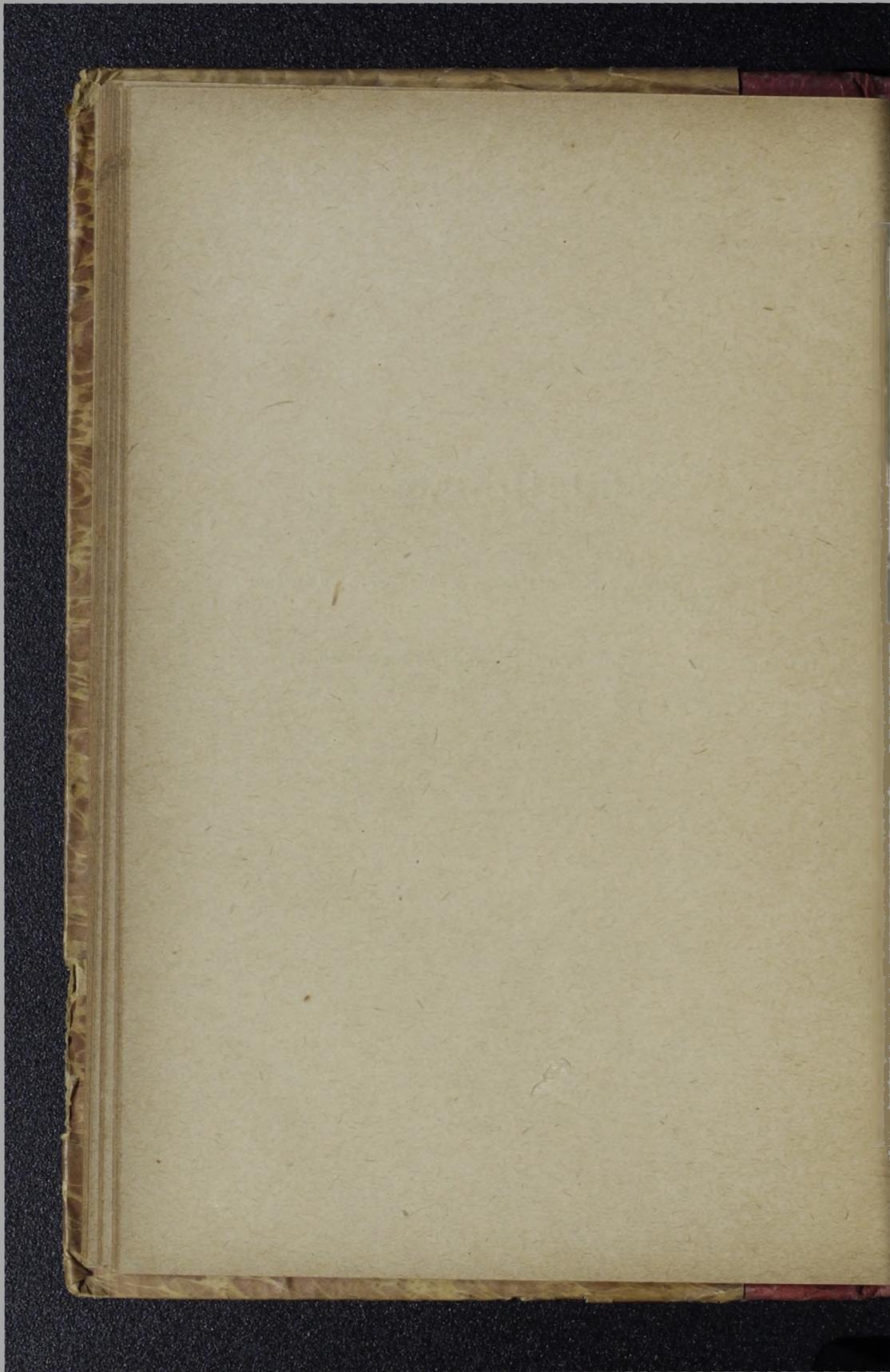
Vê-se por tanto que com a publicação de tal folheto houve apenas intuito commercial, e não intuito scientifico: motivo bastante para eu me calar.

Não devo contudo deixar sem reparo uma local do *Conimbricense*, citada a pag. 15, e assignada pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho, que diz que as minhas críticas erão « ás vezes um pouco azedas ». Ora eu não as escrevi para agradar ao melindroso paladar do sr. Martins de Carvalho, mas sim para provar que a obra que elle menos pensadamente elogiou não merecia elogios.— *Res, non verba*, senhores paladinos do elogio mutuo !]



APPENDICES

- I) *As Novas Lições praticas da Lingua Portugueza* do sr. Candido de Figueiredo.
- II) *Amostra da sinceridade* do sr. Candido de Figueiredo.



I

As Novas Lições praticas da Lingua Portugueza
DO SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO

Suppus que, depois da polemica litteraria que sustentei com o sr. Candido de Figueiredo, na qual mostrei a sua incompetencia para tratar de assumptos philologicos, elle não teria o arrôjo de publicar mais nada sobre taes assumptos, sem antes se haver entregado seriamente ao estudo. Enganei-me.

O anno passado deu a lume o sr. Figueiredo umas *Novas Lições praticas da lingua portugueza*, cujo «plano, indole e fórma» seguem no encalço das primeiras *Lições*¹.

Deus me livre de fazer aqui das *Novas* uma anályse tão demorada como fiz das *Velhas*. De-sejo só dizer d'ellas o bastante para accentuar bem este facto: que o nosso Caturra, longe de

¹ Vid. o Prologo.

progredir no conhecimento do methodo philologico, ficou estacionario, — pelo que me sóbrão motivos para eu na presente publicação não deminuir em nada a minha severidade, que assim cada vez mais se justifica.

*

A pag. 24-25 lê-se esta admiravel regra:

« Quando os infinitos designam uma *acção*, só podem substantivar-se no singular: *o fugir, o cair, o andar, o escrever*. Quando porém o infinito não designa *acção*, mas uma *substancia*, uma *entidade*, como *o tanger, o cantar, o ser*, póde pluralisar-se, e diz-se — *os tangeres, os cantares, os séres...* »

Pondo de parte a fálta de symetria da phrase, pois em cima tem *quando os infinitos*, e em baixo, na mesma ordem de ideias, *quando o infinito*, só notarei o contrasenso, pois *tanger, cantar, etc.*, não exprimem substancias, nem entidades, mas do mesmo modo que *fugir, cair, etc.*, exprimem acções!!

A sua regra fica reduzida a nada.

*

Alguem escreveu *extremecimento*, com *x*, em vez de *s*.

O nosso Caturra commenta: « Ali, o *extremecimento* não é casual: é propositado e systematico, como o *explendido*, o *exforço* e outras bellezas de *xis... p-t-o* »; e condemna estes modos

de orthographia, chamando-lhes «bellezas de pechisbeque»¹.

Como de ordinario, a accusação é falsa, pois *extremecimento* e *exforço* não são comparaveis a *esplendido*. O etymo de *esplendido* é *splendendus*, a cujo *s* se juntou *e*, como em *stare*, que deu *estar*, *stella*, que deu *estrella*, etc. Quem escreve *extremecimento* e *exforço* não se póde propriamente dizer que erra, pois naquellas palavras entra o prefixo latino *ex-*, embora hoje modificado phoneticamente em *es-*.

*

No livro do sr. Candido de Figueiredo apparece várias vezes a locução «ter que» em phrases taes como:

«tenho porém *que* notar a expressão»²;

«não teremos nós *que* pedir á França o detalhe»³;

«tenho *que* ir vender os restantes exemplares»⁴.

É effectivamente modo de dizer muito vulgar, devido á influencia da analogia com outras locuções em que o *que* é legitimo, como «tenho *que* fazer», «tenho *que* ver», etc.; mas basta

¹ Pag. 30.

² Pag. 15.

³ Pag. 18.

⁴ Pag. 37.

um leve raciocínio para mostrar que elle deve pôr-se de parte.

De facto, a oração do *que* não poderia ser se não integrante conjuncional com o verbo no infinitivo; mas orações integrantes, que sejam ao mesmo tempo conjuncionaes e infinitivas, são cousa que não existe na nossa lingua. Ha-de pois emendar-se «tenho *que*» em «tenho *de*».

Existem porém casos em que o *que* é legitimo, e isto dá-se quando o *que* é pronome, como naquelles dois exemplos que dei a cima: «tenho *que* fazer», «tenho *que* ver», isto é, «tenho cousas *que* fazer», «tenho cousas *que* ver»; nestes casos *que* é o complemento directo. Já porém não pôde dizer-se «tenho *que* fazer isso», nem «tenho *que* ver isso», pois então o complemento directo seria «que fazer isso» e «que ver isso», o que, pela razão indicada a cima, era injustificavel na grammatica portuguesa.

Tambem se não pôde dizer que nos exemplos condemnados *que* equivale a *de*, como em «mais *que* tres annos», correspondente a «mais *de* tres annos». Com quanto estas duas phrases séião equivalentes, cada uma tem sua syntaxe.

O exemplo citado pelo sr. Figueiredo a pag. 18, exemplo que diz ser de D. Francisco Manoel, «eu que tenho *que* dizer-vos do que obras-tes?», entra na regra que a cima enunciei, pois o *que* neste caso é pronome relativo; aquelle exemplo corresponde a: «que cousas tenho eu que dizer-vos á cêrca do que obras-tes?» Aqui o *que* não poderia substituir-se por *de*.

Já sei que o sr. Figueiredo, se tivesse de me responder a isto, atrapalhava tudo, e me insultaria a mim e á grammatica; mas isso não me impede de eu apresentar os factos taes quaes supponho que elles são.

*

A pag. 15 chama algaravia á phrase «*cumprir com os deveres*». A pag. 40 tambem deixa passar sem «*contestação*» a sentença de um seu consulente que a condemna. Nas *Lições práticas*, 2.^a ed., pag. 20, tinha dito peremptoriamente: «*cumprir com deveres* é um solecismo que eu só perdôo ao meu sapateiro».

Podia accrescentar: e a João de Barros! Pois *cumprir com* é tão classico que Barros escreve mais de uma vez: «e assi *cumpri com o regimento do officio*»¹.

Que sciencia a d'este Caturra, que confunde a linguagem de um dos maiores classicos portuguezes do seculo xvi com a de um çapateiro!

*

Fallando de um seu consulente, diz: «Assevera que *pucella* tem origem latina. Que origem? será *puella*? Mas, segundo as regras da transformação morfológica (*sic*), do latim para o francês, não ha meio de tirar de *puella* a *pucella*. Ou haverá? O que eu sei é que os melhores

¹ *Decada 1.^a*, ed. de 1628, fls. 4 e 13.

lexicographos latino-francezes nunca traduziram *puella* por *pucelle*, mas, sim, por *jeune fille*, *jeune femme*»¹.

Pergunto eu tambem: não seria melhor que o sr. Figueiredo estudasse as questões, antes de se metter nellas? E comtudo ésta é bem simples.

O processo para determinar a origem do francês *pucelle* consiste em buscar conhecer a historia d'esta palavra.

Em francês antigo ha a fórmula *pulcela* na *Cantilène de Sainte Eulalie*, que é um dos mais velhos monumentos d'aquella lingua (sec. IX). Começa assim a poesia:

Buona *pulcella* fut Eulalia;
Bel avret corps, bellezour âma.

Noutro antigo monumento da lingua franceza, mas mais recente que aquelle, *La chanson de Roland* (sec. XI), apparece a fórmula *pulcele*, por exemplo no verso 821:

Et des *pulcèles* et des gentilz oissors.

Nestas passagens *pulcella* e *pulcèle* tem o sentido de *jeune fille*. Os primeiros versos significão: «Boa menina foi Eulalia; bello tinha o corpo, mais bella a alma». O terceiro verso significa: «E meninas e nobres esposas».

De *pulcèle* veiu o francês posterior *pucele* ou

¹ Pag. 72.

pucelle, pela mesma lei phonetica pela qual *puce* veiu da fôrma antiga *pulce*.

E o etymo está, não directamente em *puella*, mas no deminutivo **pullicella*, analogo a **dominicella*; cfr. tambem o lat. *pullicenus*, quanto á fôrma.

De **pullicella* nasceram outras fôrmas romanicas, taes como o italiano *pulcella*, o hespanhol archaico *puncella* (pela dissimilação das consoantes linguaes) e *poncella*, etc. A esta familia pertence o antigo portugûes *pucella*.

Creio que o sr. Figueiredo ficará convencido!

*

Depois de ter fallado de *chaleira*, « onde o *l* se introduziu, talvez por euphonia », accrescenta o sr. Figueiredo:

« Ora o idioma, que admittiu *chaleira*, nada soffrerá de novo, admittindo *chalada*, como nada soffreu, quando de *bahú* se fez *bahuleiro*, e de *chapeu* *chapeleiro* » ¹.

Sem dizer agora o que penso á cerca da formação de *chaleira* e *chalada*, porque isso me obrigaria a uma nota um pouco extensa, quero só lembrar ao sr. Figueiredo que em *bahuleiro* e *chapeleiro* não houve intercalação de *l* nenhum, porque essas palavras não se formárão de *bahú* nem de *chapeu*!

A fôrma antiga de *bahú* é *bahul*, ainda atestada pelo gallego e pelo hespanhol *bahul* e pelo

¹ Pag. 76.

italiano *baúle*; estas fórmãs ligão-se com a francesa *bahut* ¹.

A fórmã *chapeleiro*, como o prova o francês *chapelier*, suppõe a existencia de *chapel*, que existiu de facto em francês antigo. O português *chapeu* é, como se sabe, de origem francesa, mas não vem directamente do actual *chapeau*. De modo que fica assim explicado, dentro das leis phoneticas e morphologicas da nossa lingua, o *l* de *chapeleiro*. O *l* d'outras palavras da mesma familia, como *chapelaria*, *chapelete*, *chapelinho*, etc., tem a mesma origem: estas palavras assentão todas em *chapel*.

Isto é, *bauleiro* e *chapeleiro* vem de *baúl* e *chapel* por meio do suffixo *-eiro*.

Chego sempre á mesma conclusão: isto é, que o sr. Figueiredo não entende nada d'estas cousas ².

*

Na *Tosquia de um grammatico* tinha o sr. Figueiredo affirmado positivamente que *balha* « vem do francês *bail* » ³. Eu mostrei o absurdo d'isso ⁴.

Elle agora nas *Novas Lições* já é menos

¹ Sobre a etymologia vid. Diez, *Etym. Wörterb.*, I, s. v. *baúle*; e Körtling, *Latein.-Roman. Wörterb.*, §. 1104.

² O sr. Figueiredo voltou na *Revista Nova*, n.º 4, pag. 51, a repetir que os *ll* de *chapeleiro* e *abahulado* são letras euphonicas! O artigo em que vem este erro foi acceteito com grande gaudio por um dos redactores d'aquelle jornal!

³ Pag. 23.

⁴ Cfr. o que digo supra, §. 9.

afirmativo e diz: «vem PROVAVELMENTE do francês *bail*» ¹.

Ainda bem, que aproveitou alguma cousa! Todavia, por causa de não dar totalmente o braço a torcer, continúa a rejeitar *trazer á baila*, phrase cuja formação expliquei, e que mostrei existir na litteratura!

*

A pag. 162 diz: «á nossa desinencia verbal *izar* corresponde a desinencia latina *icar* e a grega *izein*». Não sei bem o que o sr. Figueiredo quer dizer com a palavra *corresponde*; como adeante accrescenta que «na *fonte* grega é claro o *z*, e na *fonte* latina ha o *c*, que em português não se transmuda em *s*, mas em *z*», creio que elle quer dizer que o português vem de *-icare* e este suffixo de *-izein*.

Se quer dizer isto, nem outra cousa vejo que queira dizer, engana-se.

O suffixo latino *-icare* não só não vem d'aquelle suffixo grego, como não deu em português *-izar*; tal suffixo deu em português nas fórmas de origem popular, *-(i)gar*, como se vê em *salgar* (*salicare), *cavalgar* (*caballicare), *julgar* (judicare), etc., e nas fórmas de origem litteraria *-icar*, como se vê em *pacificar*, etc.

O suffixo *-izar* não pôde vir directamente d'aquelle suffixo grego: vem porém do suffixo baixo-latino *-izare*, que se encontra por exem-

¹ Pag. 123.

plo em *baptizare*, *latinizare*, etc. As fórmulas gregas como βαπτίζω (=baptizo), etc., foram latinizadas, e como taes receberão a desinencia da 1.^a conjugação, cujo caracter é acabar o infinitivo dos verbos d'ella em *-are*.

A explicação do suffixo português *-izar*, quer pelo latim *-icare*, quer pelo grego *-izein* oppõe-se a phonetica. Como o sr. Figueiredo diz com Meyer, que «a fonética é a base dos estudos grammaticaes»¹, concluo eu que o sr. Figueiredo não passa de um relógio de repetição, mas que dá as horas trocadas!

A pag. 165 diz que *árras* ou *árrhas* «parece que vem do hebraico *arrab*, ou do grego *arrabon*».

Seja qual fôr a etymologia primeira da palavra, o que é certo é que em latim, ao lado das fórmulas *arrhābo* e *arrābo*, ha tambem *arrha* e *arra*. Ora é em *arrha*, ou sem aspiração *arra*, que está a origem immediata da palavra portuguesa. Escusava o sr. Figueiredo de se ver grego nem hebraico!

A pag. 178 escreve *anciar*, com *c*. Já na *Revista Lusitana*, vol. III, pag. 24, mostrei que deve escrever-se com *s* e não com *c*. Com effeito,

¹ Pag. 126.

ansiar vem do lat. *anxiare*, que se pronunciava *ansiare*, onde o *c* foi assimilado ao *s* seguinte. Outra prova do meu asserto está na nossa orthographia antiga, que é com *s*, e no hespanhol e no italiano *ansia*, *ansioso*, etc., linguas em que neste caso o *s* revela a existencia de *s* primitivo, como em portuguez. — «A fonetica é a base dos estudos grammaticaes»! ¹

Quanto á dúvida manifestada pelo Caturra, sobre se ha-de ser *anceio*, se *ancio*, veja-se o que escrevi na Anályse das «Lições de Linguagem», pag. 68. Está claro que, segundo a etymologia, se devia dizer *ansio*, *ansias*, *ansia*, *ansiamos*, etc.; mas, em virtude da confusão phonetica dos verbos acabados em *-iar*, como este, com os verbos acabados em *-ear*, como *cear*, o uso mais geral só admite hoje *anseio*, *anseias*, etc., por analogia com *ceio*, *ceias*, etc. ²

*

A pag. 187 envolve-se o sr. Figueiredo numa questiuncula de que seria bom que se pudesse sahir mais airosamente. É o caso de *carácter* no singular ter o accento no segundo *a*, e no plural ter o accento no *e* seguinte, *caractères*.

¹ C. de Figueiredo, pag. 126.

² A razão de se escrever *ancia* com *c*, em vez de *s*, está, como me lembra o meu amigo Gonçalves Vianna, em se ter confundido esta palavra com os substantivos acabados em *-ancia*, como *substancia*, *infancia*, *circumstancia*, *repugnancia*, etc. — Como este ha muitos outros casos.

A razão d'estas differencas é a seguinte :

O etymo da palavra está no lat. *character*, que se pronuncia *charácter*, mas cujo plural, segundo as leis da prosodia romana, é *characteres*, poisque *character*, se declina *charácter characteris*. O nosso plural regula-se pelo plural latino.

Em portugûes antigo creio que se disse *ca-ractér*, por causa do accusativo latino ser *characterem*; todavia a pronúncia moderna, em virtude da influencia litteraria, regula-se pela prosodia do nominativo latino, isto é, por *charácter*.

*

A pag. 193 diz : « não conheço escritor portugûes, digno d'este nome, que subscreva o disparate do adjectivo participio *accete* ».

E comtudo eu tinha mostrado n-*O galho depennado*, §§. 1 e 16, que tal « adjectivo-participio » era empregado por Camillo Castello Branco, e recebido nos trabalhos philologicos de Adolpho Coelho e Epiphanio Dias!

Vêem os leitores clarissimamente que o sr. Figueiredo é o typo do recalitrante, que nem á verdade se submete, cahindo de mais a mais em contradicção, porque a cada passo cita Camillo como auctoridade!

*

A pag. 195 diz que se deve escrever *Linda-a-Pastora*. Mas como é que o sr. Figueiredo explica a existencia de um adjectivo antes do

artigo que o determina? Que syntaxe é esta: *Linda a Pastora*? Se fosse *A Linda Pastora*, ou *A Pastora Linda*, entendia-se; mas *linda a pastora* não se entende, pois também se não diz *linda a casa*, mas *a linda casa* ou *a casa linda*.

Por causa d'estas difficuldades syntacticas é que na *Revista Lusitana*, II, 35, propus como explicação d'este nome de logar a palavra portuguesa antiga *linda*, que significa «limite», vindo *Lindapastora* a ser *Linda á Pastora*, expressão analoga a *Rua do Sol ao Rato*, *Rua dos Remedios á Lapa*, dada a hypothese que o sitio se chamou primitivamente *A Pastora*, poisque no onomastico da Estremadura a preposição *a* indica situação ou proximidade.

Pelo menos esta minha explicação tem fundamento ideologico; *Linda a Pastora*, sendo *Linda* um adjectivo, não tem fundamento nenhum. Por tanto a orthographia melhor seria *Lind'á Pastora*, — como quem dissesse: «num sitio chamado *Linda* (limite), noutro ou perto d'outro chamado *A Pastora*»¹.

*

A pag. 197-198 estabelece que nas provincias do Norte o *s* entre vogaes tem valor differente de *z*².

¹ Em logar de *linda*, no sentido de «limite», podia também admittir-se a forma archaica «linde», de sentido analogo. E então ainda devia escrever-se *Lind'á Pastora*.

² Este ponto tinha sido já tratado pelo sr. Gonçalves Vianna e por mim em varios estudos glottologicos.

Até aqui bem vamos. Mas como a sciencia philologica do sr. Figueiredo se parece com a estatua de Nabuchodonosor, que tinha pés de barro, não se sustenta firme muito tempo: por isso accrescenta elle que, ao pronunciarmos hoje *roza, fuzo*, etc., á moda de Lisboa, isto é, dando ao *s* o valor do *z* do Norte, «adoptámos o *s* francès, desprezando as boas e velhas tradições dos dialectos hispanicos» ¹.

Homo insanibat! Não faltava mais nada se não admittirmos tambem na nossa lingua a influencia do *s* francès!

Tratarei de expôr a questào em poucas palavras.

Em portugnês archaico, como ainda hoje em toda a raia do Norte, desde as bôcas do rio Minho até Almeida, pouco mais ou menos, e ainda em varias localidades do interior, existe differença entre o valor de *s* (que os antigos representavam por *f*) e *ç*; a mesma differença existe entre *s* intervocalico (*f* intervocalico) e *z*.

O valor do *s* aproxima-se do *s* hespanhol; o valor do *ç* aproxima-se do *s* usual de Lisboa e Porto (que porém differem entre si).

Aquelles sons, como consoantes surdas, correspondem *s* intervocalico e *z*, como consoantes sonoras.

Igualmente no Norte ha hoje, como havia em portugnês archaico, differença entre *x* e *ch*. O som *ch* pronuncia-se quasi como *tx*.

¹ Pag. 198.

Ora, de certa epocha para cá, estabeleceu-se na lingua popular do Sul, e na lingua litteraria, confusão, de um lado, entre *s* e *ç*, e *s* intervocalico e *z*, e do outro, entre *ch* e *x*, e passou a dizer-se sempre *ç* por *s*, *z* por *s* intervocalico, e *x* por *ch*.

Igualmente em parte da Beira-Alta, de Tras-os-Montes e do Minho, estabeleceu-se confusão entre *s* e *ç*, e entre *s* intervocalico e *z*, mas em lugar de se fazer a substituição, que se fez no Sul, fez-se a substituição inversa, isto é, disse-se sempre *s* e *s* intervocalico.

Por exemplo: em portuguez antigo, como nos pontos raianos que indiquei, as palavras *cesta* e *sexta*, tem valor differente, quanto á consoante inicial; no Sul pronuncia-se *cesta* e *cex-ta*, com *c*, isto é, *ç*; nos pontos interiores das citadas provincias do Norte pronuncia-se pelo contrario *sesta* e *sesta*.

Da mesma maneira, em todo o Norte e Centro do reino (Beira), com excepção de umas terras no Entre-Douro-e-Minho, dá-se valor differente ao *x* e ao *ch* de *roxo* e *mocho*; no Sul, com excepção de uma terra do Algarve, onde ha para isso um motivo historico, diz-se *x* em qualquer dos casos, isto é, diz-se *roxo* e *móxo*.

Creio que ninguem pôde negar estes factos. O escrever-se com differente orthographia é que ás vezes perturba os observadores. Mas a minha questão é de ouvido e não de vista.

Em conclusão: o sr. Figueiredo erra mais uma vez grosseiramente, attribuindo ao *s* mo-

derno origem franceza, pois que esse s se explica por desenvolvimento normal da nossa lingua.

*

A pag. 117 diz que a phrase « *foi para onde a mãi*, sem o verbo que exprima a acção da mãi, opõi-se ao preceito da *harmonia periodica*, e talvez ao genio da lingua, mas não briga com a *grammatica* ».

Esta expressão não é opposta ao genio da lingua, nem vejo que o seja tambem ao preceito da *harmonia periodica*. Usa-se muitissimo no Minho: a ella me referi já no meu opusculo *Dialectos minhotos*, Porto 1885, I, §. 14, onde notei a ellipse do verbo.

O sr. Figueiredo não pôde recusar neste caso a auctoridade do povo minhoto, pois no seu livro, a pag. 75, diz que em materia de lingua o Minho é « o povo mais classico de Portugal ».

Tão peculiar é do genio da nossa lingua a referida expressão, que ella se encontra tambem em gallego, que, como se sabe, tem as mais intimas relações de parentesco com o portuguez. Na *Gramática gallega*, Lugo 1868, pag. 146, diz Saco Arce: « *Estaba ond' a y-outra, estava junto á la otra* ».

Por tanto fica refutada a opinião do sr. Candido de Figueiredo.

*

Alguem perguntou ao nosso Caturra se se deve dizer *tráfego* ou *trafêgo*. Responde elle: «Sem contestação alguma, deve dizer-se *tráfego*, corruptela de *tráfico*, que ninguem lê *trafíco*»¹. Isto quer dizer: como de *tráfico* se não faz *trafíco*, tambem de *tráfego* se não deve fazer *trafêgo*.

Antes de ser tão affirmativo, devia o sr. Figueiredo notar que uma deslocação de accentto, como ésta, era muito violenta, e muito em desaccordocom as leis geraes da nossa lingua, para que se admittisse assim tão facilmente. De facto, em regra, o accentto não se desloca, senão quando ha para isso razões poderosas, principalmente de analogia.

Qual é pois o motivo de *tráfego* se mudar em *trafêgo*? O sr. Figueiredo não o indica.

Vejamós porém se achamos outra explicação do *trafêgo*, fóra da do simples deslocamento do accentto.

Creio que a explicação é muito simples.

Da palavra *tráfego* fez-se o verbo *trafegar*. D'isto ninguem duvida. Igualmente de *trafíco* se fez *traficar*, de *fábrica* se fez *fabricar*.

Ora, a lingua portugüesa, como outras, se tem a faculdade de de substantivos criar verbos, tem-na tambem de de verbos criar substantivos, que por isso se chamão *verbaes*. É assim que de *encontrar* tirou *encontro*, de *ama-*

¹ Pag. 276.

nhar tirou *amanho*, de *cultivar* tirou *cultivo*, de *sossegar* tirou *sossêgo* ¹, de *trasfegar* tirou *trasfêgo*, de *fabricar* tirou *fabrico*, de *chorar* tirou *chôro*, de *solfejar* tirou *solfejo*, etc. etc.

O *trafêgo* é também um substantivo verbal, tirado de *trafegar*.

Temos assim :

<i>fábrica</i>	<i>fabricar</i>	<i>fabrico</i>
<i>tráfego</i>	<i>trafegar</i>	<i>trafêgo</i>

Ninguem pôde deixar de admittir este parallelismo. Por tanto *tráfego* e *trafêgo* são duas palavras distinctas, muito ao contrário do que suppõe o sr. Candido de Figueiredo. Não só *trafêgo* não podia vir phoneticamente de *tráfego*, mas tem, como vimos, boa explicação morphologica, justificada pela concordancia de numerosos exemplos.

*

À consulta que um curioso fez ao sr. Figueiredo sobre o motivo de *alferes* e *ourives* terem no plural a mesma fórmula que no singular, limita-se este a dizer que isso «é uma irre-

¹ Deve escrever-se *sossegar* (e por tanto *sossêgo*) com *ss* e não com *c*, porque a fórmula antiga é *sessegar*, cujo radical está contido no lat. *sessus*, d'onde se fez **sessicare*. Vid. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Studien zur Hispan. Wortdeutung*, §. 39 (Firenze 1885).

gularidade», e que a origem d'ella está em que quando o singular tem a terminação em *s*, a prosodia nacional confunde esta terminação com a do plural.

Mas dizer isto, e não dizer nada, dá na mesma!

Além d'isso, a regra do plural dos nomes acabados em *-s* não se póde formular tão genericamente, pois se ha nomes que realmente não mudão, como *pires*, ha outros que mudão: *deus*, que acaba em *-s*, tem o plural *deuses*, *simples* póde ter o plural *simplices*, *ourives* e *alferes* tinhão outr'ora os pluraes *ourivezes* e *alférezes*. O sr. Figueiredo cita estes dois ullimos, mas não soube tirar das citações illação nenhuma.

Acceite o facto de os pluraes archaicos de *alferes* e *ourives* serem *alférezes* e *ourivezes*, não é muito difficil explicar por que motivo actualmente a fórma singular é igual á fórma plural.

Temos aqui uma evolução phonetica:

$$\begin{array}{l} \textit{alférez}^1 > \textit{alférezes} > * \textit{alferez(e)s} > \textit{alféres} \\ \textit{ourivez}^1 > \textit{ourivezes} > * \textit{ourivez(e)s} > \textit{ourives} \end{array}$$

O *e* syncopou-se da mesma maneira que nas phrases *tres meses e meio*, *quatro vezes dois*, etc., que, em linguagem rapida e irreflectida, se pronunciaõ *tres mes e meio*, *quatro vez dois*. Tambem ninguem póde negar estes dois ulli-

¹ A fórma antiga é com *z*, em virtude da etymologia (arabe para *alferez*, e latina para *ourivez*).

mos factos de pronúncia; só algum caturra da fôrça do nosso...

Seguidamente á syncope, deu-se assimilação da sibilante medial á consoante final, d'onde *alféres, ourives, mes, vez*, — respectivamente de *alferez's, ourivez's, mes's, vez's*.

Creio que fica assim claramente resolvida a dúvida que o sr. Figueiredo não pôde resolver.

Parece-me a mim que havia um meio de, na escrita, distinguir o plural do singular nas duas primeiras d'aquellas palavras, embora essa distincção, oralmente, seja hoje impossivel na linguagem culta: era escrever

alferez e ourivez..... no singular
olferes e ourives..... no plural

pois tal orthographia está, como vimos, d'accordo com a evolução phonetica.

Por tanto, é por MERA COINCIDENCIA que nessas palavras o plural é hoje, na lingua culta, igual ao singular. Do mesmo modo se ha-de explicar o plural *pires* por **pires(e)s*, e o plural *simples* (a par de *simplices*, do lat. *simplices*), por *simplez(e)s*, pois a fôrma antiga do singular é *simplez* (e *simprez*).

*

É sabido que ha no nosso país logares assim chamados: *A dos Cunhados, A dos Carvalhos, A dos Ruivos*, etc. — Um tal José Bezerra perguntou ao sr. Candido de Figueiredo a ra-

zão d'estas denominações. O nosso oraculo respondeu:

«Antes de mais nada, direi a José Bezerra que, em muitas povoações alentejanas, é vulgar ouvirmos:

«—Estive agora *na* do José Fernandes; meu irmão foi *á* do Matias; procurei-te *na* dos Costas —.

«E quem fôr estranho á localidade, não saberá de pronto o que é *A do José Fernandes, A dos Costas, A dos Matias.*

«Familiarizando-nos porém com a linguagem local, perceberemos que são elípticas aquellas locuções, devendo subintender-se *morada, casa, e muitas vezes loja.*

«Aplicando *el cuento, A dos Ruivos, A dos Negros, A dos Cunhados,* seriam primitivamente o mesmo que *A morada dos Ruivos, A casa dos Cunhados, A casa, A terra, A quinta dos Negros, etc.*»¹

A explicação parece-me exacta; no emtanto já eu antes d'elle a tinha dado, em 1883, num artigo publicado em jornal, e que depois sahiu a lume em opusculo com o titulo de *Sub-dialecto alentejano.* Ahi digo eu:

«*Fui á de F.* por *fui á casa ou a casa de F.* — Muito verosimilmente *á de* é um resto da phrase *á casa de;* mas *á de* não só significa *á casa de,* mas *em casa de,* como: *estive á de F.* (= estive em casa de F.). É uma extensão de significação.

¹ Pag. 316-317.

«Um phenomeno analogo a este se dá, me parece, no onomastico da Extremadura (Cada-val, Obidos, Alemquer), onde ha varios logares chamados: *A dos Negros, A dos Penados, A da Gôrda, A dos Ruivos, A dos Cunhados, A dos Francos*, e no do Alemtejo (Beja) onde ha *A dos Bens, A dos Carros, A dos Corvos, A do João Serra, A dos Mestres*. Primitivamente dir-se-hia A TERRA DOS MESTRES, etc., ou com um substantivo analogo, que hoje desapareceu »¹.

E mostrei no mesmo logar com um documento dos seculos XVI-XVII que o phenomeno alemtejano era já antigo².

Depois d'isto escrito, mas muito antes do apparecimento do livro do sr. Figueiredo, voltei a occupar-me d'este facto na *Revista Lusitana*, vol. II, pag. 28.

Tanto no primeiro artigo, como no segundo, eu havia, como illustração do assumpto, mostrado que este processo não era peculiar do portuguez, pois em latim se dizia *ventum erat AD VESTAE*, em vez de *ventum erat AD TEMPLUM VESTAE*; e em inglêz se diz *I am going TO ST. PAUL'S*, em vez de *I am going TO ST. PAUL'S CHURCH*.

Ora, como, depois que o sr. Candido de Figueiredo entrou comigo em polemica, tem dito muito mal de todos os meus trabalhos philologicos, pretendendo attrahir sobre elles o ridiculo, eu estou auctorizado, em vista das cita-

¹ Pag. 19-20.

² Pag. 20.

ções que acabo de fazer, a tirar a seguinte conclusão :

o sr. Candido de Figueiredo, lendo os meus trabalhos, aproveita com elles, dando como d'elle o que é meu ;

ou o sr. Candido de Figueiredo diz mal d'elles, sem os ler.

No primeiro caso será um plagiario ; no segundo um falso-accusador. Deixo-lhe a escolha.

Em qualquer dos casos, porém, a regra que elle apresenta como nova, já o não é ; provei que fôra enunciada por mim dez annos antes.

*

A respeito de nomes de ruas precedidos da particula *de*, ou sem ella, diz o Caturra algumas graçolas, a pag. 317, mas deixa sem resposta esta pergunta que lhe fizerão : « Qual é melhor português? — Rua *de* Serpa Pinto, ou Rua Serpa Pinto? »

Sem duvida o uso mais geral da nossa lingua é pôr *de*; a omissão supponho-a gallicismo moderno. Basta notar que, quando uma rua tem dois nomes, um antigo e outro moderno, ás vezes no primeiro entra *de*, e no segundo omitte-se. Por exemplo :

Rua do Chiado..... nome antigo
Rua Garrett..... nome moderno

Muitos nomes de ruas antigos tem *de*, como :
R. da Bitesga, R. do Caldeira, R. do Rato, R. do Quelhas, R. do Sol, R. do Ouro (sem razão

*

mudado em *Rua Aurea*), *R. da Junqueira*, etc.; e tambem *R. de S. Bento*, de *S. Paulo*, de *S. Catherina*, etc. (nomes de santos), por motivos faceis de achar ¹.

*

Antigamente dizia-se *reposta*, como ainda hoje diz o povo; modernamente, na lingua culta, só se diz *resposta*. Alguem perguntou ao sr. Figueiredo porque motivo se diz *resposta*, visto que a etymologia da palavra é *reposita* ². O nosso homem nada responde com geito, e diz: «o etimon *reposita* não é fonte tão segura, que alguns filologos não lhe preferiram *responsum*; e, neste caso, nenhuma *razão* de ser teria hoje a *reposta*, que a fonética moderna (sic!) repeliu» ³.

Só noto que o sr. Figueiredo falle tanto em phonetica, sem quasi nunca lhe respeitar as leis!

Responsum, seja qual fôr a auctoridade dos philologos que digão que essa palavra deu *resposta*, não pôde de modo algum ser o etymo

¹ Um exemplo frisante do emprego e da omissão do *de* está nos nomes de dois theatros de Lisboa: *Theatro de D. Maria* e *Theatro D. Amelia*. O primeiro, como é mais antigo, de uma epocha em que se attendia bastante á vernaculidade, tem *de* no nome; o segundo, como é modernissimo, de uma epocha em que os jornalistas já dão ou querem dar leis á lingua, não tem *de*.

² Pag. 331.

³ Pag. 332.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
ORIGENES LESSA.
Tombo N. 25059

de *resposta*. Tal palavra latina, se tivesse passado para o português popular, teria dado *respôso* ou *repôso*, como *sponsus* deu *esposo*; no português litterario deu *responso*, já como fôrma antiga citada no *Elucidario* de Viterbo, já como designação de uma oração christã.

Além d'isso, dado o caso que a *phonetica moderna*, como diz o sr. Figueiredo, repellisse hoje *reposta*, ficava a *phonetica antiga*, que tambem precisa de explicação!

Entro nestas miudezas apenas para mostrar mais uma vez que o sr. Figueiredo não tem nenhuma preparação philologica, e que se embrenha nas questões sem as conhecer.

A explicação da palavra parece-me muito facil.

O latim *re-posita* deu *reposta*, fôrma attestada pelos classicos e pelo povo moderno, ainda hoje conservada litterariamente nos derivados *repostação* e *repostada*.

Como porém o verbo que corresponde ao substantivo *reposta* é *responder*, que tem outro radical, pois vem de *re-spondere*¹, a fôrma

¹ Ha em português tambem verbos, cujas fôrmas provêm de dois radicaes: por exemplo *matar*, cujo particípio *morto* (a par de *matado*) pertence como proprio ao verbo *morrer*. Umás fôrmas do verbo *ser* provêm do verbo lat. *sum* (cujas fôrmas já tambem provêm de mais de um verbo), como *sou*, *era*, etc., outras provêm do verbo lat. *sedere*, como *sendo*, *seja*, etc.

Por isso não se deve estranhar que ao substantivo *reposta*, de *re-posita* (*reponere*) corresponda *responder*, de *respondere*.

d'esse verbo influiu na do substantivo, que como elle começava pelo prefixo *re-*, e passou à juntar-se modernamente um *s* ao prefixo de *reposta*, d'onde *resposta*.

O mesmo facto se deu noutras linguas, mas desde epocha mais antiga que na nossa: em hespanhol diz-se *respuesta*, e em italiano *risposta*.

São muito vulgares os phenomenos d'esta natureza, para que eu tenha de me espraiair aqui em largas considerações. É assim que no seculo passado dizia-se em Tras-os-Montes *juiz espadano*, em vez de *juiz pedaneo*, por influencia da palavra *espada* ¹. Em logar de *terçol*, o povo diz em muitas terras *terçolho*, por influencia da palavra *ólho*. Em vez de *Evora*, acha-se nos documentos antigos *Elvora*, provavelmente por influencia de *Elvas*. Em vez de *Tagus*, parece que se disse no latim vulgar da Hispania **Tagius*, por influencia da terminação *-ius* de *Durius* e *Minius*, pois *Tagus* não póde explicar o hespanhol *Tajo*, nem o portuguez *Tejo*. Em vez de *stella* disse-se no latim vulgar da Hispania **strella*, por influencia de *astrum* ², pois só assim se póde explicar o haver em portuguez *estrella* e em hespanhol *estrella*, ao passo que em italiano litterario ha *stella* e em francês *étoile*. Dizemos *medroso*, da fórma antiga *medroso*, por influencia de *temoroso*, vindo de *te-*

¹ Isto é, de *juiz-pedaneo*, **juiz-padano* fez-se *juiz espadano*.

² Tomou-se **strella* como deminutivo.

mor; senão devíamos dizer *medoso*, por quanto o radical é *medo* ¹. A palavra portuguesa (hespanhola e italiana) *floresta*, comparada com a francesa *forêt* e a provençal *forest* e *foresta*, mostra influencia da palavra *flor*. O latim *veruculum* deu em portuguez *ferrolho*, por influencia da palavra *ferro*, senão esperar-se-hia *verolho*, *ferólho* ou *frólho*. O latim *pilus* deu em portuguez *pêlo*, por influencia de *capillus*; senão devia dar *peo*, pois que o *l* singelo intervocalico syncopa-se, como se vê em *tea* de *tela*, *fio* de *flum* ². Dizemos *chaminé* em vez de *cheminé*, por influencia da palavra *champana*; sem embargo *cheminé* ainda se diz no povo: é palavra vinda do francès *cheminée* ³.

Não vale a pena juntar mais exêmplos da influencia que umas palavras exercem noutras que são vizinhas no som ou no sentido. Podem vêr-se nas respectivas obras philologicas, onde já se achão archivados alguns dos que indiquei.

¹ *Temoroso* deu *temeroso* por dissimilação, como *valoroso* deu *valeroso*, e *formoso* deu *fermoso*. Nem em *temeroso* entra o verbo *temer*, nem em *valeroso* o verbo *valer*.

² O *i* de *pilus* mudou-se em *é*, por ser breve; o *i* de *filum* conservou-se, por ser longo. Lembro estes factos, apesar de sabidos, para que não pareça que ha contradicção na evolução dos phenomenos phoneticos.

³ A origem está no latim *caminata*; o *c*-latino não dá *ch* em portuguez, mas sim em francès, onde ha *cheval* (de *caballus*), *chez* (de *casa*), *chose* (de *causa*), etc. — É por acaso que no portuguez moderno temos *cha-*, e não porque haja regressão ao primitivo typo em *ca-* de *caminata*: essa regressão seria impossivel, e por consequencia absurdo o suppô-la.

Fica pois justificado que *resposta* vem de *re-posta* (lat. *re-posita*), por influencia do verbo *responder*.

*

Diz o sr. Figueiredo a pag. 334: « Do prefixo *relojo* e do suffixo *eiro* fez-se naturalmente *relojoeiro* ».

Aqui ha dois erros.

Em primeiro lugar, *relojo* não é prefixo, é palavra completa. Parece impossivel que haja quem escreva tal! Os prefixos são elementos morphologicos destituídos, só por si, de significação; adquirem-na pela sua junção a palavras completas, como *re-* em *repór*, *des-* em *desfazer*, etc.

Em segundo lugar, *relojo* nunca podia dar *relojoeiro*, mas sim *relojeiro*, como

capato	deu <i>capateiro</i>
ferro	deu <i>ferreiro</i>
livro	deu <i>livreiro</i>
barco	deu <i>barqueiro</i> , etc.:

isto é, o *-o* é substituido por *eiro*.

Vê-se que o sr. Figueiredo ignora as cousas mais elementares da morphologia ¹.

¹ A forma *relojoeiro* não é muito facil de explicar. Como neste opusculo desejo o mais possivel limitar-me a factos de character positivo, ou que pelo menos considero como taes, abstenho-me de expôr aqui as hypotheses que a etymologia de *relojoeiro* me suggere.

A explicação do sr. Figueiredo é absurda.

Apesar de eu desejar ser breve nestes reparos que fiz ás *Novas Lições*, alonguei-me ainda assim bastante. E que o sr. Candido de Figueiredo nunca põe limite á torrente das suas boçalidades, e não ha vontade de largar da mão o latego do castigo...

Ainda nas cousas mais faceis, o sr. Figueiredo tresvaria estranhamente. Por exemplo a pag. 17, citando o passo

..... vão maldizendo
Ao primeiro que guerra fez no mundo

diz que *ao primeiro* é « complemento terminativo » do verbo *maldizer*!! quando bastava um pouco de reflexão para ver que é complemento objectivo!! Se o sr. Figueiredo der ao verbo a voz passiva, *ao primeiro* passa para sujeito, o que só pôde succeder sendo essa phrase na activa complemento objectivo ou directo.

A comprehender tamanho absurdo, como o enunciado pelo sr. Figueiredo, creio que chegará mesmo a chusma de pedintes que está constantemente a consultá-lo... ¹

Sem dúvida, o sr. Figueiredo, em alguns pontos do seu livro acerta; já a cima, a proposito de *A dos Cunhados*, vimos um acerto. No entanto a maior parte das vezes as cousas que

¹ No citado exemplo o complemento objectivo ou directo *ao primeiro* vem regido de *a*, por significar pessoa. Este facto sabe-o qualquer estudante de instrucção primaria.

elle ensina são tão simples, que não só admira que houvesse quem lh'as perguntasse, mas que elle se occupasse em encher de banalidades um livro inteiro. Ainda assim eu poderia continuar a censurar numerosos pontos da sua doutrina.

Mas já basta o que ahi fica!

II

AMOSTRA DA sinceridade DO SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO*

Sem querer enfadar mais os leitores, não posso porém deixar de lhes offerecer ainda umas linhas, para lhes mostrar qual é a *sinceridade* do Caturra.

Quando a publicação da minha análise a respeito do livro do sr. Candido de Figueiredo no jornal lisbonense *O Dia*, onde esta primeiro sahiu, ia apenas no terceiro artigo, fim do 10.º §., appareceu no mesmo jornal o sr. Candido de Figueiredo com umas *Caturrices* em que me dirigia algumas palavras amaveis, a ver se eu abrandava o rigor da justiça com que havia começado a julgá-lo no tribunal da critica. Está claro que o não attendi.

Por isso, ao reduzir as taes *Caturrices* a opusculo, com o titulo de *Tosquia de um grammatico*, arrependendo-se de me haver dirigido aquellas palavras, supprimiu umas e substituiu outras por PALAVRAS DIVERSAS OU OPPOSTAS. Parece-me que, se eu transcrever aqui, de um lado o texto primitivo, e do outro o texto adulterado, ponho deante dos leitores um bom documento do que vale moralmente o Caturra.

INDICE

	Pag.
PROLOGO :	
Razão d'esta publicação.....	VII
A vaidade do sr. Candido de Figueiredo demonstrada em fôrma de autobiographia.....	IX
RÉPLICA :	
Preliminares.....	1
1. Accete	4
2. Amido	5
3. Meio como adverbio.....	8
4. Adeus	10
5. Cerimonia	11
6. Sem si	15
7. A « Grammatica » do sr. Epiphanio Dias	18
8. Estar certo que	21
9. Trarei á baila	23
10. Gallicismos antigos, o ditongo « ou »	26
11. Igreja	31
12. Excepto	31
13. Ha mais de	32
14. Vem aconselhando	34
15. Dezaseis	34
16. Anthracico	36
17. Desinquieta	37
18. Registo	38

	Pag.
19. Nomes proprios precedidos de artigo	39
20. Rubrica	39
21. Alcool	41
22. Origem do futuro grammatical	41
23. Reportorio	42
24. Origem do artigo grammatical	43
25. Idiotismo	44
26. Restaurante	45
27. Verbos em « ear » e « iar »	45
28. A graphia « ou » e « oi »	45
29. Dois « nn »	45
30. Descanso	46
31. S e z	46
32. Uns poucos de	46
33. Sala	47
34. Santareno e bonissimo	51
35. Fallar a verdade	52
36. Requerer	52
37. Cristal e teor	53
<i>Contradições do sr. Figueiredo</i>	54
<i>Ensinamentos que elle colheu para a 2.^a edição da sua obra</i>	54 a 66
<i>Conclusões</i>	67 a 69
<i>Nota adicional</i>	69 a 72
<i>As obras do sr. Figueiredo e a imprensa</i> ...	72 a 73

APPENDICES :

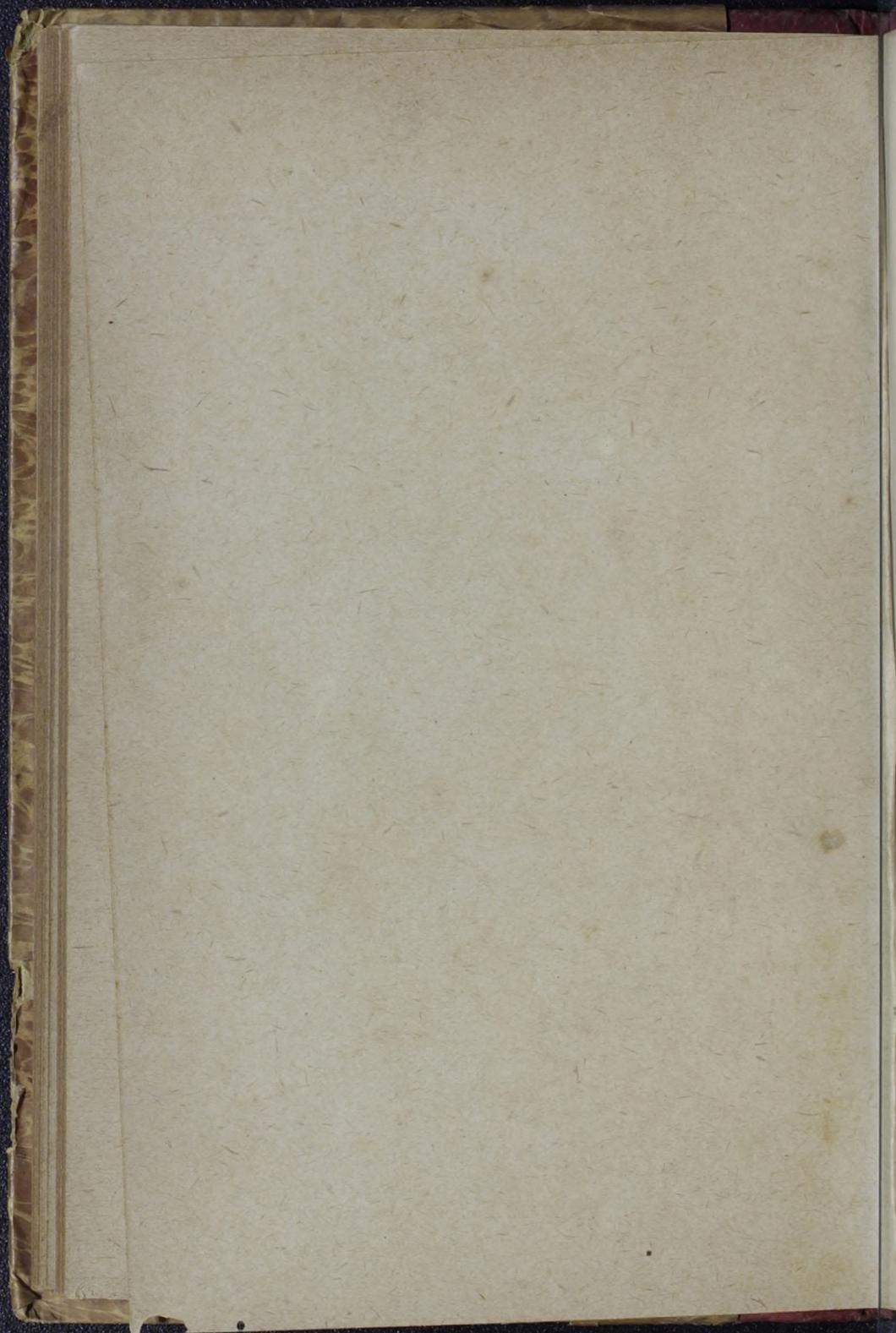
I) <i>As Novas Lições praticas</i>	77
II) <i>Amostra da sinceridade do Caturra</i>	107

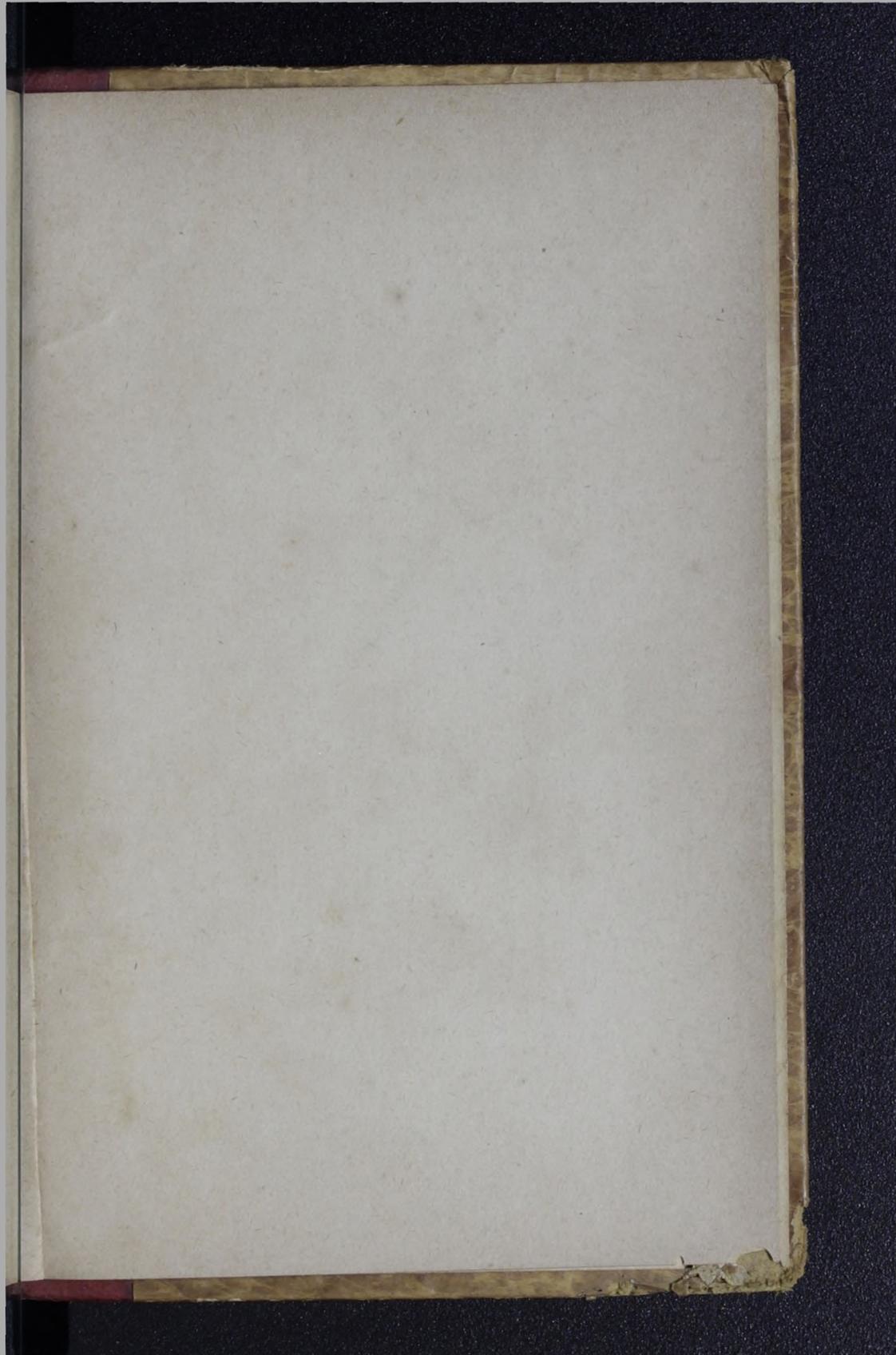
ERRATAS

Pag. 13, linha 3, lêde *koer*, em vez de *kor*.

Pag. 33, linha 14, lêde *segundo*, em vez de *primeiro* (o que aliás se deduz do sentido do que se lhe segue).

Ha outras de menor importancia.





10

096.2
V459

